



CIDADE
PARA TODAS AS
IDADES

JAGUARIÚNA:
PERFIL HISTÓRICO
PERFIL DEMOGRÁFICO E SOCIOECONÔMICO
INVENTÁRIO DE SERVIÇOS E PROGRAMAS
DESTINADOS A PESSOAS IDOSAS

2017

PROJETO “JAGUARIÚNA, CIDADE AMIGA DO IDOSO,
CIDADE PARA TODAS AS IDADES”, UMA REALIZAÇÃO
DA PREFEITURA MUNICIPAL DE JAGUARIÚNA, DO
CONSELHO MUNICIPAL DO IDOSO DE JAGUARIÚNA, DO
ILC-BRASIL, DA CPFL E DA UNICAMP

Equipe da Unicamp, responsável por estes relatórios:
Profa. Dra. Anita Liberalesso Neri – Coordenadora.
Giovanni Vendramini Alves e Vanessa Paola Rojas Fernandez,
doutorandos em Gerontologia.

SUMÁRIO

Apresentação	4
Referências	5
Jagariúna: Perfil histórico	7
Introdução	7
Dos primórdios à criação da cidade	7
Da criação da cidade à atualidade	10
Recortes da memória de Jagariúna: história oral e fotografias	12
Conclusão	26
Referências	27
Perfil Demográfico e Socioeconômico	28
Introdução	28
Localização	28
Dados demográficos	28
Indicadores socioeconômicos ¹⁻³	30
Referências	32
INVENTÁRIO DE SERVIÇOS E PROGRAMAS PARA A POPULAÇÃO IDOSA	33
Introdução	33
Serviços públicos	33
Secretaria da Juventude, Esportes e Lazer (SeJEL)	33
Secretaria de Assistência Social (SAS)	35
Secretaria de Turismo e Cultura	37
Secretaria de Educação	37
Secretaria de Saúde	38
Serviços filantrópicos e não governamentais	40
Serviços privados	41
Conclusões	41

Apresentação

O programa Cidades Amigas dos Idosos é baseado no Marco Político do Envelhecimento Ativo, lançado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2002¹. Fruto da atuação de uma equipe liderada pelo médico brasileiro Alexandre Kalache, então diretor do Departamento de Envelhecimento e Curso de Vida da OMS em Genebra, Suíça, foi lançado na sessão de abertura do 18º Congresso Mundial de Gerontologia, realizado no Rio de Janeiro, em junho de 2005. Cidades amigáveis aos idosos são aquelas em que as políticas, os serviços, os ambientes e as estruturas sociais apoiam os idosos e permitem que eles envelheçam de forma ativa². Sociedades amigáveis aos idosos criam condições físicas e sociais que permitem que eles mantenham a atividade, a independência, a participação social, a contribuição para a sociedade e a satisfação, para que otimizem competências em domínios selecionados e compensem as perdas do envelhecimento. O planejamento desses ambientes deve considerar que o meio físico e social interage reciprocamente com o status de saúde e com a competência comportamental, não só dos idosos, mas de pessoas de todas as idades¹⁻³.

O Protocolo de Vancouver³ descreve a metodologia para investigar as condições dos ambientes físico e social de bairros e cidades, olhando-os através da lente do envelhecimento. Prevê coleta de dados por meio de grupos focais formados por pessoas idosas, cuidadores e prestadores de serviços para explorar as barreiras, os pontos positivos e as lacunas para as pessoas idosas em determinados contextos (por exemplo o bairro, a cidade, o Estado, a instituição). Os resultados de sua aplicação em 33 cidades localizadas nos cinco continentes serviram como base para a elaboração do “Guia Global: Cidades Amigas do Idoso”⁴ (OMS, 2007). Em 2010 foi criada a Rede Global de Comunidades Amigas do Idoso⁵. Hoje, fazem parte da Rede cerca de 500 cidades localizadas em numerosos países. Ela oferece treinamento e apoio técnico e permite a troca de experiências, boas práticas e outras informações. Para aderir à Rede Global da

OMS é preciso que o município se comprometa com um ciclo contínuo de avaliação e aprimoramento⁶⁻⁷.

Em março de 2012, foi fundado o Centro Internacional de Longevidade Brasil (ILC-BR¹), reconhecido como de utilidade pública em outubro de 2013. É membro da Aliança Global dos *International Longevity Centres* (ILC Global Alliance²), um consórcio de organizações-membro distribuídas ao redor do mundo, configuradas como usinas de ideias que promovem o debate e propõem política para o envelhecimento. Atualmente, a rede conta com 17 países membros. Em 2013, o ILC-BR realizou uma revisão crítica do Protocolo de Vancouver, cujo resultado foi denominado “Protocolo do Rio”, publicado em 2016⁸.

Segundo o protocolo Cidades Amigas dos Idosos, para o desenvolvimento de um ambiente que favoreça o envelhecimento ativo é essencial caracterizar o perfil socioeconômico e demográfico da cidade e identificar fatos da história política e social que estão na base das características da população e da cidade. Além disso, é necessário identificar as visões dos moradores sobre os aspectos positivos, as barreiras e as lacunas ao funcionamento da cidade como um ambiente que favorece a qualidade de vida da população idosa e dos demais segmentos etários. Consultas locais realizadas em vários níveis permitem que as decisões tomadas com relação ao programa sejam adequadas às características de cada cidade. Envolver os moradores facilita a obtenção de seu apoio e o seu engajamento como parceiros das ações e de seu acompanhamento.

O presente documento é dividido três partes. Na primeira, *Jaguariúna: Perfil histórico*, apresentamos uma contextualização histórica da cidade, apoiada em fontes bibliográficas e em conteúdos de história oral. Na segunda, *Jaguariúna: perfil demográfico e socioeconômico*, apresentamos informações baseadas em documentação oficial do Município e do Estado de São Paulo. Na terceira parte, *Inventário de Serviços e Programas para a População Idosa*, apresentamos um relatório da oferta, no ano de 2017, com base em dados obtidos no site da Prefeitura Municipal e em dados oferecidos pelas entidades públicas e privadas que prestam serviços a esse segmento da população.

¹ www.ilcbrazil.org

² www.ilc-alliance.org

Referências

- ¹. Organização Mundial de Saúde (2002). Active ageing: a policy framework. Genebra, Suíça: Organização Mundial de Saúde. Disponível em: <http://www.who.int/ageing/publications>. Acessado em 30 de setembro de 2016.
- ²Menec, V.; Means, R.; Keating, N.; Parkhurst, G. & Eales, J. (2011). Conceptualizing Age-Friendly Communities. *Canadian Journal on Aging* 30 (3) : 479– 493.
- ³. Organização Mundial de Saúde (2007a). *Global Age-friendly Cities: A Guide*. Genebra, Suíça: Organização Mundial de Saúde.
- ⁴. Organização Mundial de Saúde (2007b). *WHO Age-friendly Cities Project Methodology: Vancouver Protocol*. Genebra, Suíça: Organização Mundial de Saúde.
- ⁵. Organização Mundial de Saúde (2010). *WHO Global Network of Age-friendly Cities and Communities*. Genebra, Suíça: Organização Mundial de Saúde. Disponível em www.who.int/ageing/projects/age_friendly_cities_network/en/. Acessado em 30 de setembro de 2016
- ⁶. Organização Mundial de Saúde (2015). *Measuring the Age-Friendliness of Cities: A Guide to Using Core Indicators*, Genebra, Suíça: Organização Mundial de Saúde. Acessado em 30 de setembro de 2016.
- ⁷. Organização Mundial de Saúde (s/d). *Application to join the WHO Global Network of Age friendly Cities and Communities*. Genebra, Suíça: Organização Mundial de Saúde. Disponível em: http://www.who.int/ageing/application_form/en/. Acessado em 30 de setembro de 2016
- ⁸. Plouffe, L., Kalache, A. and Voelcker, I. (2016). A critical review of the WHO Age-Friendly Cities methodology and its implementation. In Thibault & Garon (Eds) (2016). *Age friendly cities in international comparison: Political lessons, scientific lessons, scientific avenues, and democratic issues*. New York: Springer.

Jaguariúna: Perfil histórico

Introdução

Para a organização dos tópicos “Dos primórdios à criação da cidade e Da criação da cidade à atualidade”, foram utilizadas duas importantes fontes bibliográficas: *Jaguariúna no curso da história* (Ribeiro, 2008)¹ e *Vila Bueno: ensaios para a História* (Ziggiatti & Pimenta, 2007)².

Para a terceira parte (Recortes da memória de Jaguariúna: história oral e fotografia), assumimos como objetivo realizar um registro da história da cidade narrada sob um ponto de vista pessoal, com detalhes e conhecimentos que não fazem parte do conhecimento oficial. Para tanto, procuramos uma pessoa idosa que tivesse residido em Jaguariúna a maior parte de sua vida, que tivesse se destacado na prestação de serviços à cidade e que, assim, pudesse dar testemunho de eventos da história da cidade, de sua população, de suas instituições e tradições. A escolha recaiu sobre o senhor Tomaz de Aquino Pires, 69 anos, coordenador da Casa da Memória, que foi informado dos objetivos e procedimentos do projeto e convidado a participar.

Senhor Tomaz foi convidado a narrar suas memórias de Jaguariúna em situação de entrevista semiestruturada, cujos conteúdos foram evocados por fotografias fornecidas por ele próprio. Após a entrevista, que foi gravada com o seu consentimento e teve duração de duas sessões, efetuamos a documentação da narrativa, por meio de transcrição literal, catalogação, seleção e organização de resumos e temas analíticos. O entrevistado assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e uma autorização para uso dos registros escritos da entrevista e das imagens. Foi adotada a metodologia da história oral³⁻⁵.

Dos primórdios à criação da cidade

Jaguariúna é uma cidade de criação relativamente recente, mas sua história não se restringe aos limites de sua oficialização como cidade. Existem vestígios pré-históricos de grupos nômades, caçadores e coletores, que usavam os rios Jaguari, Camanducaia e Atibaia como vias de navegação e fontes de alimentos. Da época anterior ao Descobrimento, há vestígios de assentamentos indígenas, possivelmente dos

grupos guarani e tupinambá. O nome da cidade, herança da língua tupi-guarani, cuja tradução oficial é “rio da onça preta”, reflete a presença desses habitantes.

Durante a colonização portuguesa, a partir do final do século XVII, o território situava-se na rota dos bandeirantes, no Caminho dos Goyazes, traçado por Bartolomeu Bueno da Silva, mais conhecido como Anhanguera. Em busca de índios para mão-de-obra e de metais preciosos para enriquecimento, os bandeirantes saíam das terras do Planalto de Piratininga, atual São Paulo, em direção ao sertão. A intensificação da circulação de tropas e sertanistas neste trajeto conjugou-se com os interesses da população das roças em obter pequenos ganhos com o fornecimento de abrigo e mantimentos para os viajantes e com as preocupações da Coroa Portuguesa de facilitar, de forma controlada, as vias de acesso ao ouro. O estabelecimento de sesmarias com pequenos pousos e as convenções sobre o uso desse caminho para o interior mantiveram a circulação periódica de negociantes, tropeiros, autoridades ou simples aventureiros, contribuindo para a fixação de moradores ao longo do percurso.

O viajante que seguia do Planalto de Piratininga em direção ao sertão percorria a região por volta do quarto dia de viagem, onde encontrava o “Pouso do Jaguar” (atual bairro rural do Tanquinho Velho). O pouso localizava-se numa região estratégica, logo após a travessia do rio Jaguari e próximo a um pequeno tanque, onde as tropas e os tropeiros podiam se abastecer e descansar. Aos poucos, o local tornou-se um vilarejo que deu origem à primeira povoação, que depois seria a cidade de Jaguariúna. A instalação núcleos povoadores, associados à implantação dos primeiros engenhos de açúcar, foram responsáveis pelo adensamento populacional desse núcleo original.

Na primeira metade do século XIX, o plantio do café foi ensaiado com êxito e alguns fazendeiros começaram a substituição dos canaviais, que formaram a primeira cultura agrícola da região. A consolidação do café coincidiu com a decadência da produção no Rio de Janeiro e com a migração de fazendeiros e escravizados para o promissor interior paulista. O interesse pela terra se intensificou e, de geração em geração, sesmarias foram subdivididas, dando origem a latifúndios e fazendas que se mantiveram por um longo período sob o domínio das mesmas famílias. As primeiras fazendas de café nas terras do rio Jaguari foram: Fazenda Barra, Camanducaia (atual

Santa Francisca do Camanducaia), Capim Fino, Castelo, Florianópolis (atual Serrinha), Jaguary (atual Santa Úrsula), São José e Ribeirão.

Em 1872, uma lei provincial concedeu privilégio e garantia financeira à companhia que assumisse a construção de uma via férrea entre as cidades de Campinas e Mogi-Mirim, com um ramal para a cidade de Amparo. Nessa ocasião, os fazendeiros locais empenharam-se como acionistas a fim de viabilizar o projeto de implantação da Companhia Mogyana de Estradas de Ferro. O traçado original do primeiro trecho Campinas–Mogi-Mirim foi construído em duas etapas: a primeira perfazia um total de 34 km, saindo da Estação Central de Campinas até a Estação de Jaguary. Deste ponto, seguia em direção a Mogi-Mirim, de onde partia outro ramal para a cidade de Amparo. Inaugurado em 1875, o percurso foi orientado pelas necessidades de escoamento das principais fazendas produtoras de café, o que resultou em um traçado sinuoso e bastante irregular. Na construção da estrada de ferro tiveram papel primordial os escravizados e os trabalhadores livres, parte deles imigrantes europeus que, à essa época, a começavam sua trajetória rumo às lavouras de café.

No final do século XIX, a criação do distrito de Jaguari foi reivindicada em documento encaminhado à Câmara dos Deputados. Em 1896, a vila foi elevada à condição de Distrito de Paz de Jaguary, continuando vinculada à Comarca de Mogi Mirim, pela Lei nº 433 de 05 de agosto de 1896. Na época da Primeira República, já existia no local uma elite dirigente composta por proprietários e políticos com sobrenomes até hoje celebrados. Na região do Jaguari, oficialmente vinculada à comarca de Mogi Mirim, a disputa era liderada pelos coronéis Amâncio Bueno e José Alves Guedes. O primeiro era republicano e o segundo, monarquista. Ambos promoveram melhorias urbanas no local.

O primeiro sistema de abastecimento de água teve início em 1902, restrito à Praça da Igreja de Santa Maria, onde foi instalado um chafariz para receber água canalizada. Neste mesmo ano, foram realizadas obras para construção do cemitério, calçamento de ruas e obras de embelezamento da Praça da Matriz. Em 1906, foi inaugurada a primeira linha telefônica. Em 1908, foi inaugurada a subdelegacia. E 1913, chegou a luz elétrica.

Em 1929, a quebra da Bolsa de Valores de Nova York levou muitos fazendeiros à falência. Muitos cafeicultores tradicionais de Jaguary não tiveram outra opção senão o endividamento, a venda ou o fracionamento de suas fazendas. Conseqüentemente, ocorreu o acesso à terra de segmentos menos capitalizados da população, em especial de imigrantes de origem italiana. Ao assumir a condução das fazendas, estes agricultores procuraram alternativas, como a pecuária, o algodão e o arroz, dada a perda de importância do café no mercado internacional.

No início dos anos 1940, em um levantamento realizado pela Secretaria do Interior do Estado de São Paulo, foi constatada a existência de três cidades homônimas, duas delas localizadas às margens do rio com o mesmo nome. Um decreto propôs a eliminação dessa situação, e assim, partir de 1º de janeiro de 1944, Jaguary passou a chamar-se Jaguariúna. O objetivo seguinte, perseguido por uma comissão constituída por onze moradores - Aristides Rizzoni (comerciante e contador), Darcy Machado de Souza (engenheiro agrônomo e agricultor), Reinaldo Chiavegato (comerciante e contador), Emílio Beltrame (agricultor), Alfredo Chiavegato (agente postal), Carlos Luporini (comerciante), Hugo Masotti (agricultor), Lázaro Sousa Martins (oficial de farmácia), João Ângelo (industrial e agricultor), Adone Bonetti (industrial) e Alonso José de Almeida (oficial do Registro Civil, escrivão de paz e tabelião) – foi a obtenção da autonomia do então Distrito de Jaguariúna. A comissão gerou farta documentação com dados sobre a capacidade de autonomia nos setores industrial, agrícola, comercial e pecuário. Em abril de 1953, encaminhou um ofício, acompanhado de memorial descritivo, com a exposição dos motivos que justificariam a emancipação do distrito de Jaguariúna, à Assembleia Legislativa do Estado. Em 30 de dezembro de 1953, o projeto de criação do município de Jaguariúna foi aprovado mediante a Lei nº 2.456. Entre a assinatura confirmando a emancipação e a criação de uma administração de fato, passaram-se apenas 10 meses. Em 1954, foi eleito o primeiro prefeito da cidade: Joaquim Pires Sobrinho.

Da criação da cidade à atualidade

Na transição da condição de distrito a município, a primeira estação ferroviária foi desativada e uma nova, de proporções bem maiores, foi construída. A nova estação

recebeu o nome de Jaguariúna e ficou logo ficou claro o crescimento da cidade em direção à região que a sediava. No bairro Berlim, surgiram as primeiras residências. Uma avenida ampla facilitava o trânsito dos automóveis, que começavam a aparecer na paisagem urbana. A cidade tinha como base a produção agrícola. O café ainda liderava a economia rural, seguido por frutas cítricas, uva e banana. No campo pecuário, destaque para diversas fazendas de criação de gado reprodutor selecionado e haras de reprodução de cavalos puro-sangue.

Nos anos 1950, a bandeira do desenvolvimento nacionalista levantada pelo governo do presidente Juscelino Kubitschek fomentou a instalação de estabelecimentos industriais, como a Cerâmica Santa Maria (produção de artigos de porcelana) e a Cerâmica Santa Cruz (fabricação de tijolos e telhas). Em 1963, a cidade teve sua população quadruplicada em comparação com a do ano de sua emancipação. Com o aumento da densidade demográfica, alguns bairros foram criados e problemas relacionados ao crescimento urbano adquiriram maior relevância. O grande desafio estava relacionado ao saneamento básico. Em 1968, obras para serviço de captação e construção da adutora e para o abastecimento de água da cidade começaram a ser planejadas.

No início da década de 1970, a redução da produção agrícola e o êxodo rural deixaram novos traços na fisionomia da região. Com o aumento da população urbana, a cidade investiu na melhoria das condições básicas e de infraestrutura. O sistema de fornecimento de energia foi aprimorado. As ruas centrais foram asfaltadas e as calçadas padronizadas, decoradas com estrelas em alusão ao cognome “Estrela da Mogiana”. Em 1971 foi inaugurada a Escola Estadual de Jaguariúna, que, em 1978, recebeu o nome de Prof. Celso Henrique Tozzi.

Nos anos 1980, a instalação de empresas de grande porte, como a Companhia Antártica (bebidas), a Cargill (produtos alimentícios) e a Johnson & Johnson (produtos para a saúde) contribuíram para a caracterização da cidade como industrializada e urbanizada. Além dessas, outras indústrias menores já haviam sido instaladas, como a Socinol (indústria de óleo vegetal e animal), a Rotita (produtos químicos para indústria açucareira e agropecuária) e a Equipisca (equipamentos para pesca).

A cidade passou por nova transformação econômica e social nos anos 1990, quando trabalhadores de outros estados brasileiros, principalmente do Maranhão, do Paraná e de Minas Gerais, foram atraídos para ela, estimulados pela oferta de empregos e pela qualidade dos serviços públicos municipais. Com uma grande demanda por políticas habitacionais, no final desta década e no início dos anos 2000, seis núcleos habitacionais, com 1.266 moradias foram construídos: Vila Guilherme Giesbrecht, São José, Vila Miguel Martini, Jardim Pinheiros, Vila 12 de Outubro – COHAB II Etapa e Vila 12 de Setembro – I Etapa.

Em 2002, foi assinado convênio entre a Prefeitura Municipal de Jaguariúna e a Secretaria de Estado da Educação para a municipalização do ensino. Após 2004, permaneceram em mãos do Estado apenas as escolas Prof. Celso Henrique Tozzi, Profª Júlia Calhau Rodrigues e Profª Anna Calvo de Godoy, de Ensino Médio. As escolas municipais passaram por reformas e ampliações.

Assim como a área da educação, a da saúde também recebeu atenção especial. O sistema municipal de saúde é hoje formado por serviços próprios conveniados com o Sistema Unificado de Saúde (SUS), do Ministério da Saúde. Atualmente, a rede municipal é formada pelo Hospital Municipal Walter Ferrari, por oito unidades básicas de saúde, por um posto de vigilância sanitária, por um posto de vigilância epidemiológica, por uma unidade de pronto atendimento e por outros serviços especializados.

Na área do turismo e da cultura, graças ao projeto da Associação Brasileira de Preservação Ferroviária (ABPF), que reúne interessados na preservação e na divulgação da história da ferrovia brasileira, um grande número de turistas visita a cidade nos finais de semana. A Antiga Estação Ferroviária foi revitalizada e transformada em centro cultural. A Fazenda Barra foi adquirida para implantação de projeto educativo. Inauguraram o Teatro Municipal Dona Zenaide e a Casa da Memória Padre Gomes, criando-se um conjunto de lazer, educação, turismo e cultura.

[Recortes da memória de Jaguariúna: história oral e fotografias](#)

Fazendas de Jaguariúna

As sedes das primeiras fazendas foram construídas nas terras do sesmeiro Antônio Correa Barbosa. Entre elas, a Fazenda Jaguary, localizada às margens do Rio Jaguari, dedicou-se inicialmente à produção de açúcar, e depois, à do café, quando passou a chamar-se Fazenda Santa Úrsula. Em meados do século XIX, o tenente coronel José Guedes de Sousa construiu ali a sede da Fazenda Barra, dedicada ao cultivo da cana de açúcar. Da Fazenda Camanducaia, rica produtora de café, depois chamada Fazenda Santa Francisca do Camanducaia, desmembrou-se a Fazenda Capim Fino e desta, a Fazenda Florianópolis.

Ferrovia

Em meados do século XIX, o transporte do café produzido na região era feito por tropas de burros e mulas até Campinas, de onde seguia por ferrovia até Jundiá. De Jundiá ia para Santos, porto Ouro Verde, para ser exportada. Cientes das dificuldades acarretadas por essa forma de transporte, e visando maior lucro, os proprietários das fazendas de café reuniram-se e, com subvenção do governo, fundaram a Companhia Mogiana de Estradas de Ferro. Em maio de 1875 foi instalada a Estação de Jaguary, à margem do rio Jaguary, sobre o qual foi construída a primeira ponte de ferro da região.

Imigração italiana

A Lei Eusébio de Queirós, promulgada em 1850, exigiu que os produtores de café substituíssem os trabalhadores escravos negros por trabalhadores livres. Um dos filhos de José Guedes de Sousa, Alfredo Guedes, formado em Ciências Sociais e Jurídicas, tornou-se Secretário de Agricultura. Ele e o pai sugeriram ao governo brasileiro que incentivasse a imigração italiana para a região. Em 1874, chegaram os primeiros navios da Itália trazendo imigrantes e em 1875 foi oficializada a imigração italiana no País. Em 1888, quando foi abolida a escravidão, o braço do imigrante italiano já estava presente nas fazendas de café Jaguariúna.

A família Bueno e a Villa Bueno

A Fazenda Camanducaia pertenceu a Salvador Bueno da Silveira, que morreu em 1846, deixando as terras para Cândido Bueno, cuja morte ocorrida em 1878, determinou a transmissão das terras para três dos sete filhos que teve com a esposa Umbelina Bueno. Um deles, Amâncio Bueno, cursava Medicina em Paris. A mãe

mandou chama-lo para vir cuidar da fazenda de café. Ao chegar, ele se deparou com a ferrovia que realizava o transporte intensivo do café. Republicano, vislumbrou o futuro e planejou um empreendimento imobiliário na Fazenda Florianópolis, de sua propriedade. Contratou o engenheiro Wilhelm Giesbrecht, alemão da Bavária, para construir a planta de uma vila localizada na parte alta das terras, próxima ao rio Jaguarí.

Entre 1889 e 1894, foi construída uma capela dedicada à Santa Maria do Jaguarí, com traços do gótico na arquitetura e do barroco alemão na pintura do teto. A capela é hoje a Matriz Centenária, marco zero da cidade. A Villa Bueno, com 39 quadras e 15 ruas, ao estilo de uma cidade europeia, foi o núcleo da cidade atual. Suas principais ruas receberam os nomes de Amâncio Bueno e Cândido Bueno, o pai. À praça da igreja deu-se o nome da mãe, Umbelina Bueno; os nomes dos irmãos, Alfredo Bueno, Joaquim Bueno, Júlia Bueno e Sílvia Bueno foram apostos a outras ruas. Construíram-se 11 casarões, todos projetados por Wilhelm Giesbrecht.

Distrito de Paz de Jaguarí e novas benfeitorias

Em 1896, o coronel Amâncio Bueno conseguiu a elevação da Villa Bueno a Distrito de Paz de Jaguarí. O café continuava dando lucro. Parte dos imigrantes italianos permaneceu na lavoura, parte na cidade. Perto da Estação do Jaguarí havia um pequeno núcleo populacional. O coronel Amâncio Bueno assistia à população. Chefe republicano, com prestígio político, ele denominou uma de suas fazendas de Florianópolis, em honra ao presidente Floriano Peixoto. Da Câmara Municipal de Mogi Mirim conseguiu várias benfeitorias para a cidade: escolas, água, iluminação pública, chafariz. A criação da Paróquia de Santa Maria do Jaguarí trouxe o primeiro pároco, padre Ignácio Gioia. Em meio a festas populares, jantares e bailes reservados aos proprietários e aos políticos e suas famílias, a cidade comemorava o progresso e as benfeitorias trazidas pelo Coronel Amâncio Bueno.

Coronel Amâncio Bueno

Coronel Amâncio Bueno era uma pessoa muito bem vestida, muito elegante, sempre com uma roupa muito bem talhada de coronel. Teve só um casamento, em 1879, com a prima Maria Ângela de Moraes. De saúde frágil, a esposa morreu cedo, deixando três filhos: Silvia, Júlia e Egas Bueno. Consta que, fora do casamento, ele teve pelo menos mais 10 filhos com uma imigrante italiana, a quem legou a casa onde é hoje a

Pousada Vila Bueno. Para esses descendentes deixou, também, os casarões remanescentes da Villa Bueno e os terrenos correspondentes, em um total de 39 quadras. Morreu pobre, em 1914, em Campinas, aos 53 anos, de problemas de coração. Depois de sua morte, seus bens foram a leilão.

A crise econômica de 1929

A Fazenda Florianópolis não sentiu muito a crise da Bolsa Nova Iorque de 1929, que derrubou a economia paulista baseada no café, porque seu proprietário era marchante, trabalhava com pecuária, comprando e vendendo grandes boiadas. A crise foi muito sentida em outras fazendas. Muitos fazendeiros ficaram pobres da noite para o dia. Queimaram-se cafezais e estoques de café. Os fazendeiros de café endividaram-se e não tinham como pagar os colonos. Parte deles, entre os quais muitos italianos, juntaram suas economias e compraram pedaços das fazendas. Assim foram se formando bairros e vilas com pequenos sítios. Por exemplo, a Fazenda Barra desmembrou-se. Em uma de suas partes formou-se o bairro Capotuna. A família do Barão de Ataliba Nogueira tinha mais autonomia financeira, pois além de mais propriedades, tinha plantações de algodão e de milho. Na Fazenda Santa Francisca do Camanducaia aconteceu a mesma coisa, em função da pecuária e da plantação de algodão. Com a morte do patriarca, a viúva e os filhos de José Alves Guedes venderam a fazenda.

Município de Jaguariúna

Em 1944, o Distrito de Paz de Jaguary teve seu nome mudado para Distrito de Paz de Jaguariúna. A Assembleia Legislativa de São Paulo aprovou a criação do município de Jaguariúna em 30 de dezembro de 1953, emancipado de Mogi Mirim. Em 1954, ocorreram as primeiras eleições e, a partir de 1º de janeiro de 1955, começou o funcionamento independente do município, ainda pobre e sem indústrias. As primeiras administrações enfrentaram dificuldades, porque faltava energia elétrica para as indústrias se estabelecerem e predominava a vocação agrária. Na década de 1970, com os movimentos migratórios internos e a chegada de mais pessoas à cidade, foram construídas as primeiras casas populares. Nos anos 1980, abriu-se uma nova fase, com o aparecimento de uma nova estação de energia elétrica e de novas indústrias.

Padre Gomes

A vida na cidade foi sempre muito ligada à igreja. O pároco, padre Gomes, era como um prefeito, que tentava suprir as necessidades da cidade. Fundou creche e asilo de velhos, sonhou com a construção de um hospital, cedeu a casa paroquial para a assistência social e zelou pela igreja dizendo: “não pode pregar um prego nessa igreja, que ela é estilo gótico bizantino, é da fundação da cidade”! Veio para a cidade com 40, baiano de Remanso, de família de dez filhos, muito pobre, da qual saiu para estudar para ser padre, seu sonho desde criança. Sempre foi muito piedoso, não tinha preguiça de rezar, tinha muito zelo pelo sacerdócio, pelo pobre, pela cidade. Construiu um salão paroquial, fez dele também um cineteatro, o Cine Santa Maria, que depois foi transformado em teatro municipal, hoje Teatro Municipal Dona Zenaide. Aos 83 anos ele se aposentou, mas ainda tinha muita vitalidade, espelhada na celebração de cinco missais dominicais.

Casa da Memória de Jaguariúna

A Casa da Memória foi construída onde era a casa paroquial, para onde Padre Gomes levava enfermeiros, médicos, dentistas e advogados para atender a população. Foi construída com muita luta e com esforços tremendos, por meio de rifas e doações de um povo pobre. Segundo o jornal “A Comarca”, da década de 1940, foi uma das casas paroquiais mais bonitas da diocese. Em uma de suas gestões, o então prefeito Tarcísio Chiavegato derrubou a casa paroquial para construir a Casa da Memória. No cinema, que agora é teatro, as linhas arquitetônicas estilo *art nouveau* foram raspadas, descaracterizando a arquitetura original e magoando a população.

A Casa da Memória é muito bem estruturada, teve a orientação do Instituto Moreira Salles e foi muito bem equipada, até com ar-condicionado, para preservar os documentos. Seus objetivos são preservar o patrimônio, a história da cidade e todo o material que diz respeito às memórias, organizar esse material e disponibilizá-lo para pesquisa. Dispõe de uma sala especial, o Memorial do Padre Gomes, uma homenagem para quem fez tantas coisas pela população.

Autobiografia

Na minha origem, por parte materna, a avó materna veio da Lombardia, em 1888, antes da abolição da escravatura, família Bodini, para trabalhar nas terras do Barão de Pirapitingui, a Fazenda Barra; o avô veio em 1891, da região do Vêneto,

província de Rovigo. Os italianinhos se conheceram lá na Fazenda Barra e se casaram. Eles tiveram ali os primeiros filhos. A avó ajudava na casa e tinha a simpatia da proprietária da fazenda, dona Siomara Penteado Guedes, esposa do José Alves Guedes. O filho do Barão de Pirapitingui, José Alves Guedes, herdou as terras da Fazenda Barra, na época com 1.500 alqueires e muito café, e recebeu muitos imigrantes italianos. Havia quatro colônias de italianos ali na fazenda, cerca de 66 casas com italianos.

A minha avó era serviçal na casa-grande, na sede da fazenda, e meu avô era lavrador de café. O ideal deles era ir para a vila e montar um comércio, tentar a sorte na vila. Com suas economias, eles compraram uma carroça e um animal. Meu avô havia perdido o pai, mas tinha a mãe viva. Então o jovem casal, com cinco filhos pequenos, colocou-se em cima da carroça. Não havia nenhum banco na carroça, para eles se sentarem, mas o meu avô pediu para os filhos encherem um saco com palha. A mãe veio sentada no saco de palha, todos os outros em pé. A carroça parou no centrinho da vila, aos pés da igrejinha de Santa Maria. E com aquela força de vencer, de lutar, de trabalhar, eles abriram um bar, na esquina em frente à igreja. Nesse bar, ela fazia picadinho de carne, fazia pão no forno de lenha, e vendia pão com picadinho a todo o pessoal da zona rural que vinha batizar as crianças na igreja, nos domingos de manhã.

Aí começou a história de comércio da família Ferrari. Aos cinco primeiros filhos somaram-se mais nove. Desses quatorze, eles criaram treze. Tudo com aquela garra, aquela força de trabalho do imigrante que veio no porão do navio. Eles diziam: “quarenta-sei giorne della macchina a vapore!”. Quarenta e seis dias de máquina de vapor, o navio! A minha avó perdeu um irmão, com uma febre. Não havia assistência médica. Seu corpo foi lançado ao mar, com 11 anos de idade. Com toda essa luta e com fé, eles construíram um comércio, e, para cada filho que ia casando, eles montavam um bar ou um armazém. Assim começou a aumentar a população da cidade. Todo italiano que veio para a vila tem a mesma história. Os outros que ficaram lá nas fazendas, também trabalharam muito, carpindo à luz do sol até a luz do luar, porque precisavam vencer. E venceram, juntaram economias.

Quando o coronel Amâncio Bueno morreu, em 1914, os seus bens foram a leilão em praça pública, em Mogi Mirim. Meu avô, da família Pires, de antiga ascendência portuguesa, da região do Alentejo, que era marchante, tropeiro, negociava gado,

comprava boiadas, trazia as boiadas a pé do sul de Minas e as levava para vender no mercado de Campinas, foi assistir o leilão com o sócio dele, João Pedro de Figueiredo. Ambos arremataram a fazenda do coronel Amâncio Bueno, a Fazenda Florianópolis. Foram 83 contos de réis. Minha tia mais velha dizia que o vovô passou a noite contando o dinheiro, ele com o sócio, pondo as notinhas, as moedas, numa cesta de taquara. Cobriu com jornal, foi a Mogi Mirim, pegou o trem da Mogyana com aquela cesta, foi levar a Mogi Mirim, para o juiz, para poder tomar posse da fazenda. E o vovô ficou com a sede e as terras do entorno da sede, e o sócio dele ficou com as terras do entorno da vila, do Distrito de Paz de Jaguary. Com o tempo, ele foi vendendo todas essas terras. E o meu avô ficou lá na fazenda, com os filhos, acho que lá nasceu o último filho, que foi o meu pai, e nós nascemos lá, naquele casarão! Então temos um amor muito especial por essa terra, por essa fazenda, por essa história.

Eu morei na Fazenda Florianópolis até sete anos, mas é a minha eterna saudade, a infância passada na Fazenda Florianópolis! Eu era como um pássaro, eu voava de árvore em árvore, subia nas árvores altas, subia nas construções, a mamãe ficava arrepiada! Ela tinha quatro filhos, eu era o quarto, e ela diz que eu era tão levado! Ela me pegava no topo dos telhados, das cumeeiras, correndo em cima das construções, então ela se arrepiava inteirinha! Lá na casa tinha água encanada, tinha instalações sanitárias, mas quando dava algum problema nos encanamentos, lá nos altos da fazenda, quando os canos quebravam e não chegava água na casa, então eu ia tomar banho no tanque, era o que eu gostava.

Era gostoso acordar de manhã com o cheiro do café sendo torrado lá em casa. Nesses dias, a mamãe chamava uma pessoa da fazenda para ajudá-la. Então, era montado lá no quintal um aparato para rodar e ia lá uma senhora que ajudava a minha mãe a rodar o café, até torrar o café. Esse café, minha mãe moía lá na cozinha e assim era feito o café em casa, o cheiro era uma delícia, o perfume de fazenda! A mamãe gostava muito de flores e tinha um caramanchão com jasmim. Aquilo adoçava a vida inteira, quando você aspirava o perfume do jasmim! Eu era uma criança livre, que brincava com os filhos dos colonos, andava descalço pela fazenda toda. Brincava com as frutas pequenas. Nós não tínhamos muitos brinquedos. Eram mais brinquedos produzidos em casa pelos pais, pelos tios. Eram aquelas espingardinhas de taquara, que

jogavam feijão, eram estilingues com mamona para guerras de estilingue. As mangas eram os nossos boizinhos. Nós pegávamos os palitos de fósforo para fazer as patas dos bois, era aquela improvisação. As meninas brincavam com bonecas feitas com sabugos de milho, com palha, com cabelo do milho. Havia muita criatividade. Lembro que o papai vinha cedo do mangueiro, dos bois, ele tirava leite e vinha com uma bandeja com quatro copos de leite tirado na hora e nos servia na cama... E a mamãe, mal amanhecia, ela se vestia e ia para vila assistir à missa das 6 horas da manhã. O sino chamava, ela levantava, ia assistir à missa e depois voltava para casa. Então foi uma infância maravilhosa, até meus sete anos, lá na fazenda.

Daí nós viemos para cidade, no tempo do comércio, quando meu tio se elegeu prefeito. A minha mãe se preocupava na fazenda, pois embora o meu pai tenha colocado os filhos, meus irmãos, em escolas em Campinas, eles ganhavam mais troféus de futebol e queriam só ficar jogando bola nos campinhos da fazenda. Naquela época, com tanta diversão na fazenda, não conseguiam prender os irmãos no estudo. Então meu pai veio aqui para a vila, que já era município, abriu um comércio e forçou os filhos a voltar a estudar. Nessa fase, eu que era o menor, peguei mais firme nos estudos. Quando terminei o Grupo Escolar, não havia Ginásio ainda em Jaguariúna. E eu precisava tomar o trem, ia até Posse de Ressaca de trem e de lá ia até a cidade de Santo Antônio de Posse, onde pegava um circular, para fazer o Ginásio. No ano seguinte, fui cursar o Ginásio em Pedreira. Depois que eu terminei o Ginásio em Pedreira, fui para o Curso Clássico em Campinas, na escola Vitor Meireles. Depois, eu entrei em Letras Português/Inglês na PUC, me formei professor de Português e Inglês. Fui professor de Português e Inglês durante muitos anos. Comecei a lecionar em Socorro, uma experiência maravilhosa, fiz uma pesquisa dialetológica, gostava muito do falar do povo, de estudar o falar do povo, estudei o dialeto caipira, o falar naquela região. Depois comecei a lecionar em Jaguariúna e em Amparo, no curso de Letras da Faculdade de Ciências e Letras Plínio Augusto do Amaral, de Amparo. E daí eu fui fazer mestrado em Linguística, na PUC, onde defendi a minha dissertação de mestrado em 1986. Deixei o curso de Letras, porque eu tinha as aulas do Estado em Jaguariúna e, com filhos adolescentes, não conseguia conciliar tudo. Precisava me dedicar à família. Eu também já trabalhei como diretor de escola e, com a municipalização do ensino, fui para a supervisão escolar. Agora sou aposentado, mas não quero viver aposentado, não

servo para viver aposentado, trabalho na Casa da Memória de Jaguariúna. Trabalho aí desde 2007, ajudei na sua fundação, fui diretor do Patrimônio Histórico e agora sou o coordenador da Casa da Memória.

Autobiografia: sede da Fazenda Florianópolis



Esta é a sede da Fazenda Florianópolis, que foi propriedade do coronel Amâncio Bueno, chefe republicano da época, que lhe deu o nome Florianópolis por causa do presidente Floriano Peixoto. Foi construída pelo pai dele em 1870. É a sede nova, que fica ao lado de uma sede velha. Eu nasci nela! É um casarão de 20 e tantos cômodos. O quarto onde eu nasci tem quatro janelões e pé direito muito alto, os porões de dois metros de altura, o alicerce em pedra, os forros trabalhados em madeira. Na sala principal havia uma tela mandada fazer pelo coronel Amâncio Bueno, que era pintura das fazendas da região, mas desapareceu. Essa foto traz a memória da minha mãe, do meu pai, dos meus irmãos, onde nós nascemos, a presença das parteiras. O nascimento era feito por parteiras. Dos cinco filhos da mamãe, só o primeiro filho e a última filha nasceram em maternidade, mas o segundo, o terceiro e o quarto nasceram com a presença de parteiras, no quarto da fazenda.

Aí eu passei a minha primeira infância, até os sete anos eu morei ali. Eu me lembro muito de quando a mamãe fazia as faxinas nesse casarão. Aquele assoalho de

madeira de lei não era sempre que lavava. Passava-se muito pano, para conservação do assoalho, um pano úmido para limpar, mas de tempos em tempos lavava-se e mamãe sempre tinha alguém que a ajudava. Eu me lembro que deixavam a casa todinha aberta, era uma casa toda ensolarada, da qual a família antiga dizia: “o sol é o desinfetante natural, onde entra o sol, não entram doenças”. Depois que lavavam a casa e a casa estava seca, pegavam as brasas vivas do fogão de lenha, colocavam em uma tampa grande de latão ou de ferro, e em cima daquelas brasas colocavam-se umas colheres de açúcar e eucalipto perfumado. Então à medida que a brasa queimava, produzia aquela fumacinha, aquele incenso que desinfetava toda a casa, espantava os insetos e a casa ficava com aquele perfume do eucalipto perfumado.

Era gostoso, muitas manhãs, quando eu acordava, a mamãe estava lá no quintal com a ajudante da fazenda, torrava-se café, então punha o torrador lá no quintal e uma pessoa ficava girando ali perto do fogo o torrador. E a mamãe se revezava com essa cozinheira, para torrar o café. Depois de torrado, era moído. Na cozinha de casa tinha um moinho de ferro manual, moía-se o café. Havia a panela de ferro, as chaleiras de ferro no fogão, para passar o cafezinho no coador de pano, coador de flanela que a mamãe costurava em casa, e assim se fazia o café. E comia-se com bolo de fubá assado no forno de fogão a lenha. São doces lembranças. Cada tempo do ano havia uma festa característica, como no tempo de Natal, quando uma tia subia da vila para passar o dia conosco e montar o presépio. Meus irmãos iam buscá-la e a condução era a charrete. Montava-se o presépio lá na sala da fazenda.

Esse casarão ficou dividido no meio. Uma parte em que nós morávamos e a outra do meu tio, com minha tia e meus primos. Nessa época, a mamãe colhia pêssegos e figos e fazia os doces caseiros para o Natal, as compotas. Também não faltava a caçarola italiana, porque a mamãe era de família italiana, de imigrantes italianos, a família Bodini Ferrari. São lembranças dos quitutes, das orações, da família que se reunia na sala grande, à noite, para a reza do Rosário. A família era muito devota de Nossa Senhora do Rosário. Em todas as épocas, nas épocas das plantações, das colheitas, quando se precisava de chuva, pedia-se a proteção e a interseção de Nossa Senhora, para que ela pedisse para o filho, Jesus, operar as graças que nós necessitávamos. E assim a família foi. Então é uma família que foi financeiramente bem

sucedida com os negócios. E nós ficamos muito felizes quando agora quiseram fazer um condomínio fechado dessa fazenda e então o prefeito, em contrapartida, pediu a sede para prefeitura, por causa da sua parte histórica, que é uma parte histórica muito rica, da fundação da Villa Bueno, da fundação da cidade. Então, ficou prometida a doação dessa sede.

Autobiografia: sala de visitas da Fazenda Florianópolis



Aqui temos uma foto de 1937 na sala de visitas da fazenda. Era a sala do piano, quando o coronel Amâncio Bueno vivia aí. Dizem que o coronel viajava muito e tinha nessa sala um piano alemão. Ele trazia lustres da Suíça. Com uma bola, papai quebrou um pedaço do lustre e esse pedacinho está guardado em casa até hoje! E aí estavam o vovô com a vovó recebendo os convidados na sala. Aí estão o meu pai, a minha mãe, o meu irmão primogênito, que nasceu em junho de 1937. Aqui uma das irmãs mais velhas do papai, Albertina Pires, mamãe, Natália Tarcila Ferrari, papai, Francisco Sales Pires, meu irmão Antônio José Pires, aqui José Pires Júnior, o vovô, Ursulina Inocência de Vasconcelos, a vovó. E aqui são visitantes, estão recebendo os visitantes na fazenda e levaram máquina fotográfica e tiraram essa foto. Essa foto tem lá na Pousada Vila Bueno também, que Abigail restaurou e colocou na pousada.

Autobiografia: bodas de ouro na Fazenda Florianópolis, com filhos e noras, filhas e genros

Aqui nós temos uma festa das Bodas de Ouro de uma família de brasileiros antigos, famílias grandes de antigamente. De dez filhos, foram criados nove. O vovô era de Amparo, da região de Duas Pontes, e vovó era de Campinas. Eles se casaram em 3 de agosto de 1891. Essa foto é da festa de 50 anos de casamento. Tem aqui no meio a bisavó. Dizem que nos namoros antigos estava sempre presente a figura. Namoravam com a sogra do lado, então até na festa, olha o respeito para com os idosos, para com os mais velhos - o vovô colocou a sogra, Nhá Marica, no meio do casal!



A vovó Marica morreu com 96 anos, casou-se três vezes, foi grande fazendeira, mas num dos casamentos ela foi perdendo tudo o que tinha. O primeiro casamento dela foi com 12 anos, ela estava brincando com uma boneca que veio da Europa, em cima de uma árvore e daí a empregada falou: “Vem cá, Nanhá, chegou o seu noivo, você vai conhecer o seu noivo”. Ela tinha 12 anos e casou-se com um tio dela, de 40 anos. Ela se chamava Maria Inocência de Oliveira e casou-se com José Inocência Vasconcelos. Daí que nasceu a vovó Ursulina. Essa bisavó reunia todos numa sala e obrigava todos os netos a rezar o terço à noite, na sala. E ninguém poderia conversar nem rir naquele momento. E ela, quando via as netinhas, ela dizia: “Vem aqui perto de mim, o seu

vestido está muito curto”, então com as mãos ela enfiava a mão na barra do vestido das netinhas, desfazia a barra e descia o pano!

Então aqui é a festa das Bodas de Ouro. Nas Bodas de Ouro, os filhos, para presentear os pais, porque os pais eram muito religiosos, deram de presente uma gruta de Nossa Senhora de Lourdes, que foi construída e está lá até hoje, ao lado da sede da fazenda, uma gruta feita em pedras de Nossa Senhora de Lourdes com a Santa Bernardete. E aqui é uma foto que a família se reuniu diante da gruta. Posaram para essa foto, as filhas com os genros e os filhos com as noras.

Autobiografia: bodas de ouro na Fazenda Florianópolis, com netos e netas



Havia muita gente para sair na foto da festa das Bodas de Ouro. Não cabia. Então o que a bisavó fez? Ela reuniu todos os netos e tirou uma foto dela com todos os netos diante da gruta. E estas festas, quando aconteciam, elas duravam semanas, vinha filho que morava em São Paulo, que morava em Mogi Mirim, em Mogi Guaçu, que era tabelião, outro que tinha negócios em outras cidades, eles vinham com a família e passavam uma semana lá na fazenda. A bisavó levantava às quatro da manhã e tocava o sino para os peões se levantarem para ajudar os meus tios a tirar o leite das vacas, no curral. Então ela fazia o café para todos eles, alta madrugada. Dizem que a preferência dela era couve, que ela chamava de “erva da longa vida”, e que, à noite, ela só comia

um prato de coalhada. Durou 96 anos, casou-se três vezes, uma semana antes de falecer ela costurou uma camisa de manga comprida para o meu pai e não usava óculos!

Autobiografia: Francisco Sales Pires, o pai

Aqui está o papai, ele tinha sempre os seus animais no capricho. Acho que aí pode ser o burro chamado Pavão, ele tinha umas mulas também, tinha burros. Estava em frente à sede da fazenda, usava sempre as botas muito bem engraxadas, chapéu, então era galã. E mamãe tinha muito ciúmes dele, do papai. Ele era jovem aqui, devia ter entre 25 e 30 anos Esta foto foi feita por volta de 1940.



Como filho caçula, ele foi quem acompanhou mais o pai, tirava leite, gostava muito dos bailes. O vovô deixava ir aos bailes, mas na alta madrugada ele precisava levantar e tirar o leite. Então, chegava dos bailes, dormia um soninho e se levantava. Se estivesse muito sonolento, o vovô ia lá e fazia levantar, para tirar leite. Eu me lembro que ele ia para o curral tirar leite e vinha com uma bandeja com quatro copos, trazia o leite tirado na hora para os filhos. Nós tomávamos, na cama, o leite tirado na hora!

Autobiografia: Família Ferrari, a família materna

Esta foto é da família da mamãe. São imigrantes italianos. Vovô era da região do Vêneto, província de Rovigo, Giovanni Enrico Ferrari, e vovó, Eugênia Bodini, veio da Lombardia, província de Cremona. A família Bodini, da minha avó, chegou aqui em

1888, data da abolição da escravatura, para trabalhar nas terras do Barão de Pirapitingui. Barão de Pirapitingui era o capitão José Guedes de Sousa, era o dono da Fazenda Barra.

Ele diziam que lá na Itália, um pouco antes da unificação, era muito ruim. Eles diziam: “Nós criamos os animais, mas não temos carne; nós plantamos o trigo, mas não temos pão; nós cuidamos da vinha, colhemos a uva, mas não temos vinho”. Então eles vinham na esperança de encontrar aqui tudo muito fácil. E, de fato, chegaram aqui e estavam em melhores condições, porque na Itália eles pagavam imposto até sobre o sal que comiam, morriam dizimados pela cólera, pela pelagra, por desnutrição, comiam só aquela polenta, então vieram com força de trabalho, de vencer.



A família Ferrari chegou três anos depois da família Bodini, em junho de 1891. Eles se conheceram na Fazenda Barra. Minha avó foi trabalhar na sede. A esposa do José Alves Guedes, dona Cyomara Penteadó, gostou muito dela e a levou para trabalhar na sede. Meu avô carpia café. Depois eles fizeram algumas economias e compraram uma carroça e um burro. A dona Cyomara, quando viajava, trazia uma lembrança para minha avó. Eles tinham apartamento em Paris, e ela trouxe uma Nossa Senhora de Lourdes com Santa Bernardete para minha avó, lá da França, que a família tem até hoje. Com as primeiras economias do casal, colocaram os cinco primeiros filhos na carroça e vieram tentar a vida aqui na cidade. Eles disseram: “Até quando nós vamos ficar

carpindo café e ficar nessa vida?”, ela como cozinheira, como empregada, e ele carpindo café, com cinco crianças.

Vieram por volta de 1908 para centro da vila, tentar a vida no comércio, com os cinco primeiros filhos. Alugaram uma casa, um dos casarões construídos pelo coronel Amâncio Bueno, aí na esquina do jardim, próximo da igreja, e montaram um bar. Vovó cozinhava e fazia picadinho com pão aos domingos, fazia pão em casa, e todo o pessoal da zona rural, que vinha batizar as crianças, ia ali no bar comer um pão com picadinho, ou uma massa que ela fazia. Ela também vendia bebidas e daí começou um comércio, aquele bar virou um armazém. Ali nasceram mais nove filhos, foram nascendo, foram mudando de casa, comprando outras casas, outro comércio maior, se estabelecendo ali na vila, e aqui tem a família toda. Essa foto foi tirada em 1926. É interessante notar que todas as famílias italianas daqui da cidade têm uma foto desse tipo. Eu não sei se foi do primeiro fotógrafo da cidade, chamado Lauro Stutigart de Carvalho, que foi um dos primeiros retratistas daqui da Vila, ou se foi algum retratista que apareceu em 1926 e fotografou. Nas fotografias de outras famílias italianas, de várias famílias, nós vemos esse fundo, essa tela de pano que eles colocavam no fundo da foto, esse cenário. Aqui não tem os treze filhos, tem doze, porque a caçula nasceu depois, em 1928. Hoje é uma tia idosa que eu tomo conta dela, tem 89 anos e é cadeirante, mas muito lúcida.

Conclusão

A constituição da cidade é relativamente recente, remontando à época da constituição das primeiras fazendas, do apogeu da lavoura de café, da imigração italiana e da construção da ferrovia Mogyana para escoar a produção da região e leva-la diretamente ao porto de Santos. À decadência da economia cafeeira seguiram-se mudanças socioeconômicas, políticas, sociais e de estilo de vida importantes para a caracterização da cidade como é hoje. Três surtos de industrialização depois, que conduziram às feições atuais, eis Jaguariúna projetando-se no século XXI, como cidade rica altamente urbanizada, inserida na Grande Região Metropolitana de Campinas

As memórias de um morador nativo, que conviveu direta e indiretamente com a história da cidade, relatos dos antepassados, fotos de álbuns de família, objetos e lugares da sua memória afetiva, enriquece enormemente o traçado do perfil histórico da cidade,

como encontrado na documentação oficial e nos escritos dos dois historiadores que publicaram livros sobre a História de Jaguariúna. Todas essas fontes ajudam a compreender a história e a vocação da cidade e, igualmente, alicerçam o projeto Jaguariúna, Cidade Amiga dos Idosos.

Referências

- ¹. Ribeiro, S.B. (2008). *Jaguariúna no curso da História*. Jaguariúna: Secretaria de Educação de Jaguariúna, 2008.
- ². Zigiatti, B. F. & Pimenta, M. F. (2007). *Vila Bueno: ensaios para a história*. Campinas: Arte Escrita, 2007.
- ³. Meihy, J. C. S. B. (2005). *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 2005.
- ⁴. von Simson, O. R. M. (2007). *Carnaval em branco e negro: carnaval popular paulistano. 1914-1998*. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- ⁵. Neri, A.L. (2000). Reminiscência e revisão de vida na vida adulta e na velhice. IN: G.G. Debert e D.M. Goldstein (orgs.). *Políticas do corpo e o curso da vida*. São Paulo: Sumaré, 2000.

Perfil Demográfico e Socioeconômico

Introdução

O documento que se segue apresenta dados que interessam à compreensão da cidade inserida em seus contextos regional e nacional. Foi escrito a partir das últimas publicações disponíveis na Internet, oriundas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), da Fundação Sistema Análise de Dados do Estado de São Paulo (Fundação SEADE) e da Prefeitura Municipal de Jaguariúna.

Localização

Jaguariúna está situada na Região Metropolitana de Campinas, estado de São Paulo, a 22°42'20" de latitude sul e a 46°59'09" de latitude oeste. Sua altitude média sobre o nível do mar é de 584 metros. Dista 120 km da cidade de São Paulo e 32 km da cidade de Campinas. O acesso à cidade, a partir de Campinas, dá-se pela Rodovia Governador Adhemar de Barros (SP 340). A SP 95 liga-a à Bragança Paulista. Seus limites municipais são: ao norte, Santo Antônio de Posse; ao sul, Campinas; a leste, Pedreira; a oeste, Holambra. Com taxa de urbanização de 98.05%, o município tem área de 14.139 km² e densidade demográfica de 368.66 hab/km² [1-3]. O município tem índice de urbanização de 98.05% (mapa do município na Figura 1).

Dados demográficos

Jaguariúna tem 52.125 habitantes, 12.36% dos quais têm 60 anos e mais. A razão de sexos é de 97.68% e o Índice de envelhecimento de 63.95%. A taxa geométrica de crescimento anula da população é de 2.40%¹⁻³. Estimativas realizadas pelo Sistema

SEADE de Projeções Populacionais calculam que, no ano 2025, a população com idade igual ou superior a 60 anos corresponderá a 15,46% da população total; em 2050, será de 30,59% da população total². Entre as 20 cidades da Região Metropolitana de Campinas (RMC), Jaguariúna ocupa a 12ª posição quanto ao tamanho da população idosa (ver Figura 2)².

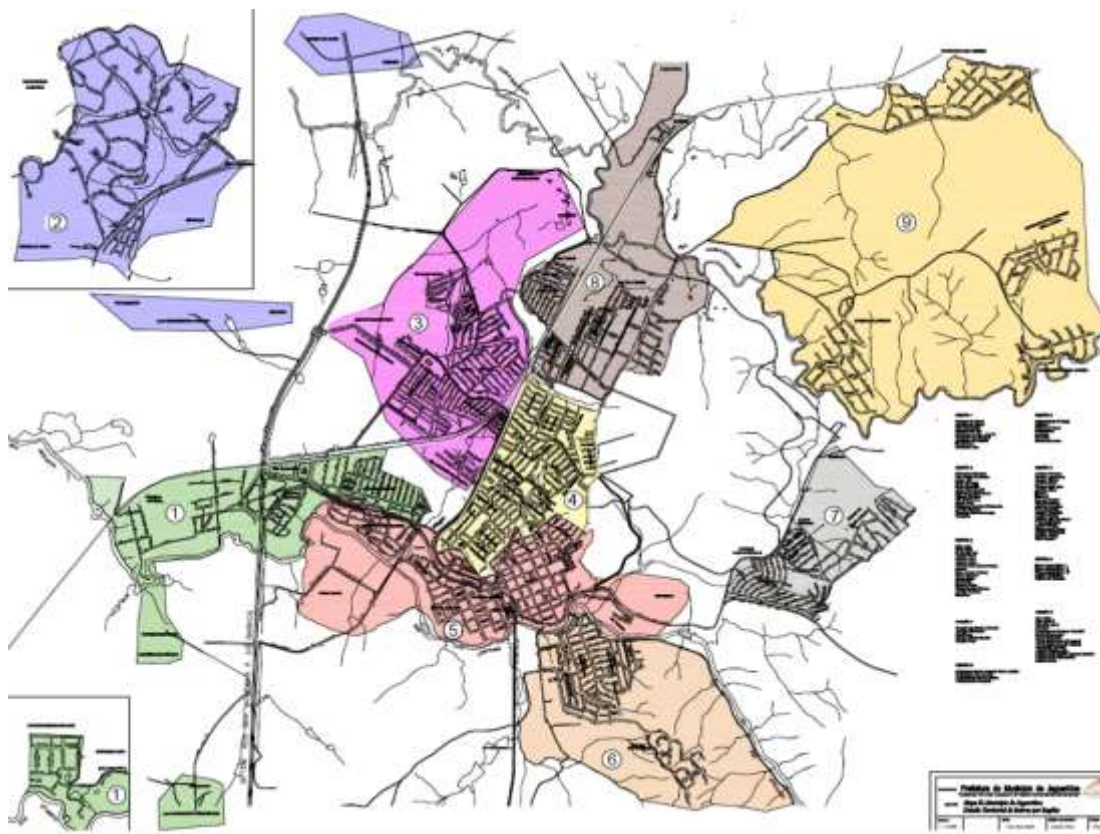


Figura 1. Mapa do município de Jaguariúna/SP
(Fonte: <http://www.jaguariuna.sp.gov.br/atendimento/mapas-da-cidade-de-jaguariuna>)

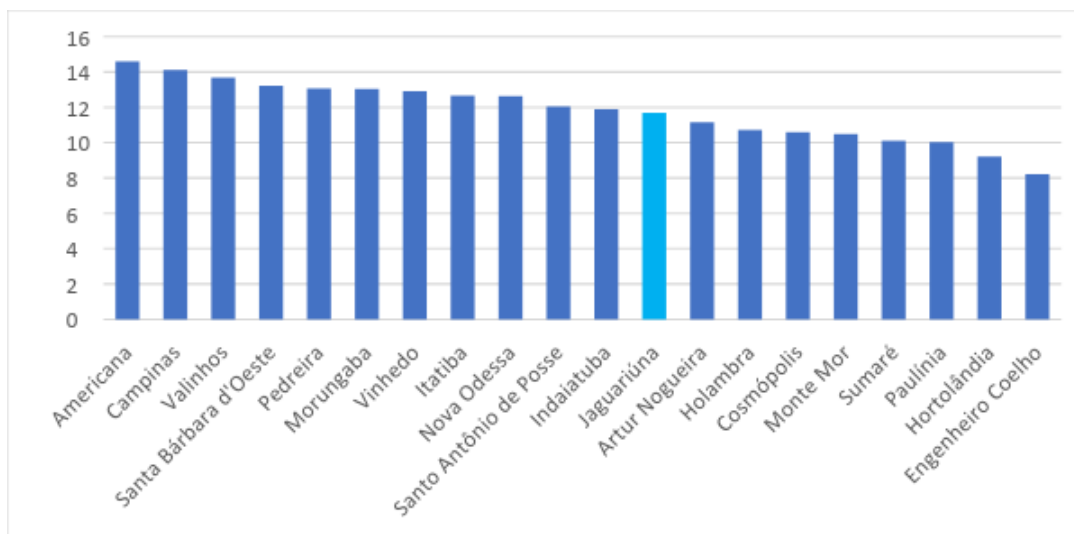


Figura 2. Percentual de idosos na população dos municípios da Região Metropolitana de Campinas

A cidade de Jaguariúna é dividida em nove regiões. Segundo levantamento realizado em julho de 2014, para satisfazer a necessidade de informação da Prefeitura Municipal, no que tange ao chamado Cartão Cidadão, existiam 6.378 indivíduos com idade igual ou superior a 60 anos. Na Tabela 1 encontram-se os bairros que compõem cada região e o número de idosos registrado naquele ano, em cada uma delas (dados fornecidos pela Secretaria de Assistência Municipal do Município em março de 2016).

Tabela 1. Idosos de Jaguariúna por região, conforme critérios organizacionais do Cartão Cidadão. Fonte: Secretaria de Assistência Social do Município de Jaguariúna, 2016.

Região	Bairros	Número
Região 1	Roseira de Cima, Roseira de Baixo, São Sebastião, Cruzeiro do Sul, Chácaras Long-Island, Vargeão das Pedras, Vargeão do Atibaia, Tanquinho e Barranco Alto.	617 (9,7%)
Região 2	Condomínio 2 Maria, Serrano, Bocaiúva Nova, Pinhalzinho, Ipiranga, Colméia, Borda da Mata.	0 (0,0%)
Região 3	Chácaras Primavera, Vila Jorge Zambom, Arco-Íris, Slvio Rinaldi I, Sílvio Rinaldi II, João Aldo Nassif, Chácaras Panorama, Miguel Martine, Vila Guilherme, São José, Dona Irma, Chácara Recreio Primavera, Vila Europa, Recanto Camanducaia e Vargeão.	1.247 (19,5%)
Região 4	Capotuna, Jardim Planalto, Jardim Laranjeira, Jardim Elisa, Jardim Zeni,	1.448

	Parque dos Ipês, Jardim Alice, Mauá I, Mauá II, Sub. S. Angelo, São Francisco, Jardim América, Sub. Gastaldo, Jardim Venturini, Jardim Tonini, Jardim São Caetano, 7 de Setembro, Jardim Sonia, Gleba Santa Cruz, Jardim Fontanela, Jardim Haruji e Dom Bosco.	(22,7%)
Região 5	São João, Bela Vista, S. M. Dal’Bó, Jardim Ika I, Jardim Ika II, Jardim Ika III, Loteamento Santa Maria, Centro, Sub. Jardim Alface, Berlim, Novo Jaguari, Santra Cruz, Cemitério, Santa Úrsula, Estância das Flores, Jardim Paraíso e Serrinha.	943 (14,8%)
Região 6	Nova Jaguariúna I, Nova Jaguariúna II, Nova Jaguariúna III, Jardim Botânico e Colina do Castelo.	585 (9,2%)
Região 7	Capela de Santo Antônio, Jardim Pinheiros, Capitinga, Parque Florianópolis e Capim Fino.	308 (4,8%)
Região 8	Boa Vista, Boa Vista II, Vila São José, Guedes, Loteamento Parque Imperial, Santa Mercedes, Novo Horizonte, 12 de Setembro (1ª etapa), 12 de Setembro (2ª etapa), Vila Mario Finotelli, Jardim Nova Luiza, Loteamento Santo Antônio Dal’Bó, Loteamento São Pedro e Lagoa Seca.	1.031 (16,2%)
Região 9	Chácaras Santo Antônio Bom Jardim, Chácaras Ana Helena, Loteamento Bom Jardim e Loteamento Floresta.	199 (3,1%)

Indicadores socioeconômicos ¹⁻³

- Taxa de analfabetismo na população maior que 15 anos: 4,33%.
- População com ensino médio completo: 58,28%
- Taxa de mortalidade na infância: 10,48 por mil nascidos vivos.
- Domicílios com coleta de lixo: 99,58%
- Domicílios com esgoto sanitário: 90,07%
- Domicílios abastecidos com água: 96,02%
- Produto Interno Bruto (PIB): R\$ 6.821.447,20
- PIB *per capita* R\$ 139.003,28.
- Participação do PIB de Jaguariúna no PIB do Estado de São Paulo: 0,37%.
- Participação dos empregos formais em serviços no total de empregos formais - 48,96%; empregos formais na indústria - 39,11%; empregos no comércio atacadista e varejista, no setor do comércio e da reparação de veículos - 9,03%; emprego na construção - 1,70%; empregos na agricultura, na pecuária, na produção florestal e na pesca - 1,21%.
- O valor médio da renda *per capita* do município teve um aumento de 49,43% no período 1991-2010, passando de R\$ 695,06, em 1991, para R\$ 791,17, em 2000,

e para R\$ 1.038,61, em 2010. Esses valores representam uma taxa média de crescimento anual de 1,45% no período de 1992 e 2000, e de 2,76% entre 2000 e 2010.

- O percentual da população considerada pobre era de 11,75% em 1991, passando para 4,73%, em 2000, e para 2,26%, em 2010. O Índice de Gini, que mede o grau de concentração de renda na população, era de 0,58, em 1991, passou para 0,54, em 2000, e para 0,49, em 2010.
- Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M): 0.784.

Em consulta realizada ao Relatório de Programas e Ações do Ministério do Desenvolvimento Social e Agrário (MDSA), por meio Secretária de Avaliação e Gestão da Informação (SAGI), a respeito dos principais programas e ações do MDSA, foram encontrados dados sobre o Cadastro Único, o programa Bolsa Família e o Benefício de Prestação Continuada (BPC) de Jaguariúna. Segundo dados do Cadastro Único, em dezembro de 2016 havia 3.583 famílias cadastradas na cidade, sendo que 1.117 dispunham renda de R\$ 0,00 a R\$ 85,00, 334 tinham renda de R\$ 85,01 a R\$170,00 e 920 dispunham de renda mensal de R\$ 170,01 até meio salário mínimo⁴.

Em dezembro de 2016, havia 1.241 famílias beneficiadas pelo Programa Bolsa Família, correspondentes a 9% da população. O total de benefícios da Bolsa Família nesse período foi de 3.942, sendo 1.006 básicos, 1.933 variáveis, 219 a jovens, 50 a nutrízes, dois a gestantes e 732 de superação de extrema pobreza⁴.

Em novembro de 2016, foram concedidos 184 Benefícios de Prestação Continuada, do tipo PCD, e agraciados mais 332 idosos, totalizando 516 beneficiários de BPC pela fonte pagadora. Quanto à Renda Mensal Vitalícia (RMV), 28 receberam pela fonte pagadora. Com relação aos benefícios por residência do beneficiário, foram 540 BPC (203 PCD e 337 idosos) e 29 RMV (26 PCD e três idosos), em um total de 569 benefícios⁴.

Referências

- ¹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)> Cidades: Dados estatísticos do município de Jaguariúna/SP. Disponível em: < <http://cod.ibge.gov.br/3PC>> (acesso em 5 de fevereiro de 2017).
- ² Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Fundação SEADE). Jaguariúna. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/>> (acesso em 5 de fevereiro de 2017)
- ³ Atlas Brasil. Jaguariúna. Disponível em: <http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/jaguari%C3%BAAna_sp> (acesso em 5 de fevereiro de 2017).
- ⁴ Secretaria de avaliação e gestão da informação - SAGI. Relatório de Informação - RI v.4: Principais programas e ações do MDSA – Jaguariúna/SP. Disponível em <<http://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/ri/relatorios/mds/index.php>>

INVENTÁRIO DE SERVIÇOS E PROGRAMAS PARA A POPULAÇÃO IDOSA

Introdução

Parte dos dados para o presente relatório foram obtidos no site oficial da Prefeitura Municipal de Jaguariúna, parte mediante formulário construído especialmente para o projeto, o qual foi aplicado em cada uma das entidades públicas, privadas ou filantrópicas, que prestam serviços a idosos no município. O formulário visou a obter as seguintes informações: nome da instituição, constituição, objetivos, atividades realizadas, tipos de recursos utilizados, número de pessoas atendidas, especificidades da população atendida e qualificação dos prestadores de serviço. Eventualmente, os dados

foram complementados oralmente, em reuniões que esta equipe convocou com os responsáveis pelos serviços.

Os serviços e programas são oferecidos de forma exclusiva, majoritária ou parcial a pessoas com idade igual ou superior a 60 anos. Foram identificados 14 serviços e programas de natureza pública, três de natureza filantrópica ou não-governamental e dois de natureza privada.

Serviços públicos

Secretaria da Juventude, Esportes e Lazer (SeJEL)

Secretário: Rafael da Silva Blanco

Dados fornecidos por: Janaina de F. Vacilotto Campos Barbosa

É o órgão incumbido de promover, efetivar e programar todas as modalidades esportivas ao seu alcance, desenvolvendo meios e dando condições aos munícipes para participarem; projetar e executar políticas públicas de infância, juventude e terceira idade; promover programas de atividades desportivas e recreativas, cursos sobre regras e regulamentos desportivos; promover a utilização dos parques, praças e jardins municipais, para fins de recreação escolar e popular; administrar estádios, ginásios e centros esportivos que fazem parte do complexo esportivo do município.

Os programas que atenderam a população idosa em 2017 foram: VIVA MELHOR, PROATIV+, JORI e CIETI. São programas que proporcionam interação e socialização aos idosos, incentivando a prática esportiva e a melhoria da qualidade de vida.

1.Viva Melhor. Com início no ano 2000, é um programa que tem como objetivo incentivar a prática de atividades físicas e intelectuais entre pessoas a partir dos 50 anos, por meio de jogos como dama, xadrez, buraco, dominó, truco, vôlei adaptado, bocha, tênis de mesa e coreografia nos parques e praças do município. A realização dessas atividades em parques e praças da cidade constitui um atendimento descentralizado, o que amplia o acesso dos idosos da cidade. São atendidas aproximadamente 200 pessoas ao mês e tem sete funcionários.

2. ProAtiv+. Iniciado no ano 2000, é um programa que tem como objetivo proporcionar a prevenção e a promoção da saúde por meio de atividades físicas orientadas e de ações sociais e culturais para pessoas a partir dos 19 anos nos parques e praças do município. Hidroginástica, lian gong, alongamento, ginástica localizada, treinamento funcional, ritmos, mat pilates (solo), mix (*jump, step, corrida*), zumba, *badminton* e atividades adaptadas são as atividades oferecidas. A realização dessas atividades em parques e praças da cidade constitui um atendimento descentralizado, o que amplia o acesso dos idosos da cidade. São atendidas aproximadamente 1000 pessoas ao mês. Os funcionários são em número de 11.

Cartazes e panfletos impressos, bem como redes sociais pela Internet, são utilizados para a divulgação das atividades de ambos os programas, com as informações sobre horários e locais onde serão oferecidos. A inscrição para as atividades não ocorre em data específica, mas quando a pessoa interessada manifesta interesse. Uma mesma pessoa pode participar de várias atividades e há algumas delas com lista de espera, como a hidroginástica. Existe uma parceria com a Secretaria de Saúde, mediante a qual os idosos atendidos nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) são encaminhados aos programas, com indicações e atestados médicos.

3. JORI (Jogos Regionais dos Idosos). É um evento competitivo de diversas modalidades esportivas entre cidades do interior do Estado de São Paulo. Também é utilizado para socializar e integrar os participantes. A primeira edição do JORI aconteceu em 1994, com outra nomenclatura. Em 2017, na 21ª edição, realizada em Americana, Jaguariúna participou nas modalidades dama, buraco, dominó, truco, vôlei adaptado, bocha, coreografia e atletismo.

4. CIETI (Copa Integração Esportiva da Terceira Idade). É um evento competitivo de diversas modalidades esportivas entre cidades do Circuito das Águas Paulista. Envolve competição, socialização e integração de seus participantes. É utilizado como prévia dos Jogos Regionais dos Idosos. Em 2017, na nona edição, realizada em Amparo, Jaguariúna participou nas modalidades de dama, xadrez, buraco, dominó, truco, vôlei adaptado, bocha, tênis de mesa e coreografia.

Secretaria de Assistência Social (SAS)

Secretária: Andréa Dias Lizun

Dados fornecidos por: Maria Luiza Amorim Silva Peres

A SAS é o órgão incumbido de prestar os serviços previstos no SUAS (Sistema Único de Assistência Social), que organiza as ações em dois tipos de proteção social: a Proteção Social Básica, destinada à prevenção de riscos sociais e pessoais, por meio da oferta de programas, projetos, serviços e benefícios a indivíduos e famílias em situação de vulnerabilidade social e a Proteção Social Especial, destinada a famílias e indivíduos que já se encontram em situação de risco e que tiveram seus direitos violados por ocorrência de abandono, maus-tratos, abuso sexual, uso de drogas, entre outros aspectos.

Os programas que atenderam a população idosa em 2017 foram: CRAS (Centro de Referência de Assistência Social), CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social), Centro Dia do Idoso Osmar Carneiro e Conselho Municipal do Idoso.

5. CRAS (Centro de Referência de Assistência Social). Há dois CRAS em Jaguariúna: o CRAS Cruzeiro do Sul, com início em 2017, e o CRAS Nassif, com início em 2015. Ambos oferecem o Programa de Atenção Integral a Família (PAIF) e o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), entre outros serviços e programas.

O Programa de Atenção Integral a Família (PAIF) tem como objetivo potencializar a função protetiva das famílias e contribuir com a melhoria da sua qualidade de vida, prestando atendimento a todas as faixas etárias. Dentre as principais atividades, encontram-se: acolhimento, escuta qualificada e ativa, intervenções particularizadas ou coletivas, oficinas informativas e ações comunitárias e acompanhamento particularizado, familiar e coletivo. No CRAS Cruzeiro do Sul são realizados aproximadamente 70 atendimentos ao mês e no CRAS Nassif, 54 atendimentos.

O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) apresenta caráter preventivo e proativo, busca garantir as seguranças de acolhida e de convívio familiar e comunitário e estimular o desenvolvimento de autonomia dos usuários.

Dentre as principais atividades, destacam-se: atendimentos individuais e em grupos aos membros das famílias em situação de vulnerabilidade, ampliação do universo informacional, artístico e cultural dos usuários através de oficinas e desenvolvimento de potencialidades em novos projetos de vida, através de oficinas. No CRAS Cruzeiro do Sul são realizados aproximadamente 214 atendimentos ao mês e no CRAS Nassif, 107 atendimentos.

6. CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social). Com início em 2010, o CREAS oferece serviços especializados e continuados às famílias e indivíduos nas diversas situações de ameaça ou violação de direitos, visando fortalecer os vínculos familiares e comunitários. O CREAS atende crianças, adolescentes, idosos, mulheres e qualquer pessoa que tenha sofrido violação de seus direitos. A equipe de funcionários é composta por coordenador, assistentes sociais, psicólogo, terapeuta ocupacional, pedagogo e assessoria jurídica.

7. Centro Dia do Idoso Osmar Carneiro (Dados informados por Marielen Rossetti). Com início em 2014, tem como objetivo oferecer Proteção Social Especial (PSE), ou seja, aquela destinada a famílias e indivíduos em situação de risco pessoal ou social, o que torna o CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social) a principal via de acesso à população que demanda este equipamento. É um local de apoio ao idoso e sua família, que visa a proporcionar acolhimento, proteção e convivência a idosos, de ambos os sexos, com idade igual ou superior a 60 anos, semidependentes. Atualmente, são atendidos 15 idosos, de segunda à sexta-feira, das 8h30 às 15h00, e tem 11 funcionários, além de contratados e voluntários. Entre as atividades socioassistenciais, de saúde e socioeducativas oferecidas aos idosos, destacam-se: transporte, cuidados cotidianos, alimentação adequada, educação ambiental, horta, música, promoção da saúde, leitura, teatro, pintura, atividades físicas, fisioterapia e roda de terapia comunitária.

8. Conselho Municipal do Idoso. Tem como missão garantir, promover e defender, de forma ética e efetiva, os direitos da pessoa idosa, a fim de assegurar e implementar políticas públicas voltadas para este segmento, em conformidade com o Estatuto Nacional do Idoso. Deve implantar a Política Municipal do Idoso, bem como avaliar e elaborar propostas para aperfeiçoar a legislação, assessorar e apoiar

instituições públicas ou privadas que promovem eventos educativos, informativos e de lazer voltados para o público idoso. O órgão tem composição paritária, sendo formado por membros que representam secretarias da prefeitura e membros da sociedade civil organizada.

Secretaria de Turismo e Cultura

Secretária: Maria das Graças Hansen Albaran Santos

É o órgão incumbido de estudar, adequar e implementar a infraestrutura básica para o turismo no município, propiciando geração de empregos e fluxos de turismo; divulgar informações acerca dos eventos turísticos, com vistas à ampliação da demanda; estimular o turismo em todos os aspectos; planejar e promover atividades/projetos culturais e históricos do município; desenvolver e implementar tecnologias aplicáveis à educação, cultura, desportos e ação comunitária e garantir a preservação da memória cultural da cidade. A Escola das Artes foi o programa que atendeu a população idosa em 2017.

9. Escola das Artes. Criada em 2010, visa a proporcionar atividades para desenvolver nos alunos o interesse pela arte. Em 2017, foram oferecidos 31 cursos, todos gratuitos e para pessoas de diferentes faixas etárias, entre eles desenho, pintura, artesanato, teatro, fotografia, gastronomia, violão, teclado, sanfona, ballet, jazz, dança de salão, dança de rua e dança do ventre. São atendidas aproximadamente 3000 pessoas ao mês, por 44 professores e 8 funcionários.

Secretaria de Educação

Secretária: Cristina Pinto Catão Bonini Hosikawa

Dados fornecidos por: Rosali Ap. M. Silva

É o órgão incumbido das atividades educacionais exercidas pelo município, especialmente as relativas ao ensino fundamental, educação infantil, creches, programas para jovens e adultos, alimentação e transporte escolar e manutenção de bibliotecas. O CEJA (Centro de Educação de Jovens e Adultos) Professora Yvonne Poltronieri dos Santos foi o programa que atendeu a população idosa em 2017.

10. CEJA Professora Yvonne Poltronieri dos Santos. Localizada no bairro Nova Jaguariúna, a escola municipal oferece a educação de jovens e adultos no Ensino Fundamental a aproximadamente 160 pessoas a partir dos 15 anos, sendo algumas delas pessoas idosas que iniciaram ou retomaram seus estudos.

Secretaria de Saúde

Secretária: Maria do Carmo de Oliveira Pelisão

Dados fornecidos por: Sílvia Angélica Dias Fernandes, Paulo Valentim Zanardo Buck, José Reginaldo da Silva, Andresa de Sousa Lima Privatti, Elisabete do Nascimento Gomes, Daniela Noberto, Maria Madalena Souza Bento, Wanderléia de Cássia Ferreira, Silvana Ap. Moraes, Mércia Regina Almeida Santos, Valéria Mileo Fernandes Corrêa Alberto, Leandro Donizete Ferreira, Keite H. Santos, Márcia Sabino Borges Martins Chagas, Luciana M. B. Burini, Daniela Cristina da Silva, Vicente Braga.

É o órgão incumbido de planejar e executar a política de saúde do município, responsabilizando-se pela coordenação das múltiplas atividades de seus órgãos. no campo da assistência médica, hospitalar, farmacêutica, laboratorial e odontológica da população local; administrar as unidades básicas de saúde, hospitais, prontos socorros e entidades públicas e privadas no que couber; coordenar e organizar programas de vigilância sanitária e epidemiológica, ressaltando os programas de vacinação com orientação e auxílio da Secretaria Estadual e do Governo Federal; de zelar pelo meio ambiente, estabelecendo normas e promovendo fiscalização; de emitir pareceres sobre obras e circunstâncias poluentes aos demais órgãos administrativos interessados.

Os programas que atenderam a população idosa em 2017 foram: Unidades Básicas de Saúde (UBS), Hospital Municipal Walter Ferrari, Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e Programa Melhor em Casa.

11. Unidades Básicas de Saúde (UBS). O município conta com oito UBS: Central, Florianópolis, Guedes, Miguel Martini, Roseira de Baixo, Roseira de Cima, XII de Setembro e Fontanella. A UBS serve como porta de entrada aos atendimentos de prevenção de doenças, solução de agravos e referência dos usuários a atendimentos de maior complexidade. Os objetivos principais dos atendimentos são: promoção da saúde, prevenção de doenças, busca de alternativas que melhorem as condições de saúde da

comunidade, organização do fluxo de atendimentos para os serviços de maior complexidade a fim de minimizar riscos e potencializar respostas de recuperação em indivíduos acometidos por condições crônicas. Devido às especificidades da região em que se encontram, cada UBS apresenta um número diferente de profissionais e especialidades na equipe.

Na UBS Fontanella há um grupo de convivência para idosos, com uma proposta multidimensional de saúde, aliando assistência física e mental para levar orientação sobre envelhecimento saudável. Os encontros são quinzenais, com atividades diversas que variam entre conversas focadas em dificuldades elencadas pelo próprio grupo, artesanato, filmes, jogos diversos e roda de conversa. O grupo de convivência foi criado para melhorar a assistência à população de idosos do território de abrangência da UBS, sendo constituído por pessoas com 60 anos ou mais, fumantes e/ou com vulnerabilidades psicossociais, diabéticas, hipertensas ou que apresentem vulnerabilidades tais como morar sozinhos, ter poucas oportunidades de acesso a espaços de cultura e lazer e questões familiares que atrapalham o tratamento de saúde.

12. Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). É uma instituição destinada a acolher pacientes com transtornos mentais, estimular sua integração social e familiar e apoiá-los em suas iniciativas de busca da autonomia, oferecendo-lhes atendimento médico e psicossocial. O CAPS proporciona um tratamento humanizado, próximo da família e comunidade com direito a usufruir de serviços especializados para esses cuidados, que tratam o paciente com respeito e tem como função o resgate da cidadania e a inclusão social.

13. Hospital Municipal Walter Ferrari. Inaugurado em 1995, proporciona atendimentos de urgência e emergência adulto, ginecologia e pediatria, cirurgias, internações adulto e infantil.

14. Programa Melhor em Casa. Com início em 2013, vinculado à Secretaria Municipal de Saúde e com verbas do Ministério da Saúde, tem como objetivo o atendimento, em domicílio, de pacientes acamados que não conseguem ir às UBS. Para receber o benefício gratuito, o paciente deve ser encaminhado por enfermeiro ou médico da UBS mais próxima da residência ou do hospital municipal. Atualmente 90 pacientes

são atendidos em suas residências por uma equipe multiprofissional que conta com 15 funcionários.

Serviços filantrópicos e não governamentais

1. Associação Amigos do Padre Gomes – Centro de Convivência do Idoso Raízes da Vida. Fundada em 2004, dando continuidade a um trabalho anterior de atendimento social, mantém e administra duas instituições na cidade: o Centro de Convivência da Criança e do Adolescente Santo Antônio e o Centro de Convivência do Idoso Raízes da Vida.

O Centro de Convivência do Idoso Raízes da Vida foi inaugurado em 1989, por iniciativa do padre Antônio Joaquim Gomes, e em 2005 passou a ser administrado pela Associação Amigos do Padre Gomes. Trata-se de uma entidade filantrópica. A maior parte de sua renda provém de doações da sociedade. Conta, também, com subsídios da Prefeitura. Tem como objetivo proporcionar atendimento a idosos independentes e semi-dependentes (dependência em grau I), em regime de curta permanência. Atualmente, são atendidos 60 idosos, de segunda à sexta-feira, das 8h30 às 15h30, por nove funcionários e por especialistas. Entre as atividades oferecidas aos idosos, destacam-se: transporte, cuidados cotidianos, alimentação adequada, fisioterapia, terapia ocupacional, assistência psicológica, artesanatos, jogos de tabuleiros, atividades físicas, passeios, leitura e escrita.

2. ABRAz (Associação Brasileira de Alzheimer) - Sub-Regional Jaguariúna. Trata-se de uma Organização Não-Governamental (ONG), cujo trabalho consiste em transmitir informações sobre o diagnóstico e o tratamento da doença de Alzheimer e orientar sobre os aspectos cotidianos do acompanhamento do paciente. Dentre as várias atividades desenvolvidas pela ABRAz é possível destacar os grupos de apoio aos familiares, o atendimento pessoal às famílias, a produção de boletim informativo e o site. O principal propósito da associação é ajudar as pessoas a entender e aceitar a doença, favorecendo a qualidade de vida dos pacientes e de seus familiares.

3. Vida Ascendente - Movimento Cristão de Reformados. Dados fornecidos por: Lúcia Rossi. Fundado na França, em 1962, é um movimento da Igreja Católica que tem o objetivo de reunir pessoas acima dos 45 anos de idade, para proporcionar

renovação espiritual, pessoal, socialização, interação e ensino/aprendizagem. Atualmente, existem oito grupos em Jaguariúna, que congregam aproximadamente 120 pessoas. Reuniões mensais, reflexões sobre temas importantes, trabalhos manuais, artesanato, doações e passeios turísticos são algumas de suas atividades. O movimento constitui oportunidade para as pessoas idosas cuidarem de sua espiritualidade, fazerem amizades e manterem-se ativas e úteis.

Serviços privados

1. Terça da Serra. Dados fornecidos por Adriana Donatto. Trata-se de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI), denominada residencial sênior. Fundada em 2015, oferece clínica terapêutica e hospedagem para idosos de ambos os sexos. Atualmente, atende cinco idosos na modalidade de centro dia e 24 idosos na modalidade de longa permanência. Há idosos independentes e idosos com graus de dependência I, II e III. Os serviços oferecidos são: enfermagem 24 horas, fisioterapia, terapia ocupacional, nutricionista, acompanhamento médico, musicoterapia e fonoaudiologia.

2. Faculdade Aberta à Terceira Idade da FAJ (Faculdade de Jaguariúna). Dados retirados do site da instituição. É um programa com cursos regulares e complementares, oferecidos semestralmente, pagos por uma pequena mensalidade. Idiomas, Fotografia, Teatro, Criação literária, Design de joias, Informática, Culinária e Estética são alguns dos cursos oferecidos. O caráter inovador deste programa está em utilizar estratégias e métodos educacionais com práticas de educação inclusiva e com um corpo docente capacitado em Gerontologia, com formação adequada em várias áreas da ciência, cultura e lazer. Os cursos constituem atividades socioeducativas que proporcionam atualização, aprimoramento de conhecimentos e práticas, valorização da experiência de vida, ação preventiva da saúde física e mental, construção de novos saberes, autonomia e melhoria do bem-estar e da qualidade de vida dos participantes.

Conclusões

A grande maioria dos serviços e programas para idosos é ofertada pelo setor público, por meio de suas Secretarias, em especial a da Juventude, Esportes e Lazer (SeJEL), a da Assistência Social e a da Saúde. Esses e outros serviços que vierem a ser criados terão papel importante na implementação do programa Jaguariúna, Cidade Amiga do Idosos.



O QUE OS IDOSOS DE JAGUARIÚNA PENSAM SOBRE AS CONDIÇÕES DO AMBIENTE FÍSICO E SOCIAL DE SUA CIDADE

Relatórios da pesquisa de levantamento e da pesquisa em profundidade realizadas para instrumentalizar as decisões do projeto “Jaguariúna, cidade amiga do idoso, cidade para todas as idades”, uma realização da Prefeitura Municipal de Jaguariúna, do Conselho Municipaldo Idoso de Jaguariúna, do ILC-BR e da Unicamp, com recurso incentivado da CPFL Energia.

2017

SUMÁRIO

	Página
APRESENTAÇÃO	3
RELATÓRIO DA PESQUISA DE LEVANTAMENTO.....	4
Resumo	5
Introdução	6
Objetivo	9
Métodos	9
Participantes	9
Coleta de dados	10
Variáveis e medidas	11
Resultados	13
Discussão	15
Conclusões	19
Referências	20
Tabelas e figuras do estudo de levantamento	25
RELATÓRIO DA PESQUISA EM PROFUNDIDADE	35
Introdução	36
Métodos	37
Resultados	38
Conclusões	51
Referências	51

APRESENTAÇÃO

O presente relatório veicula dois conjuntos de dados, um de uma pesquisa de levantamento (quantitativo) e o outro de uma pesquisa em profundidade (qualitativo). Ambos devem servir como fundamentos para a organização do plano estratégico visando ao estabelecimento e ao fortalecimento das condições ambientais de Jaguariúna, segundo o modelo seguido pela Rede Global de Cidades e Comunidades Amigas dos Idosos, da Organização Mundial da Saúde (OMS).

O relatório da pesquisa de levantamento, de natureza quantitativa, diz respeito à entrevistas com 443 cidadãos de Jaguariúna de 60 anos e mais, caracterizados quanto a aspectos sociodemográficos, de saúde e de participação social. Os idosos foram convidados a falar a respeito de suas avaliações sobre a qualidade do ambiente construído e do ambiente social da cidade. Foram analisadas as relações entre as opiniões e as características dos idosos.

O relatório da pesquisa em profundidade trata dos resultados obtidos em pesquisa qualitativa envolvendo 175 adultos e idosos (55 anos e mais) reunidos em nove grupos focais com 15 a 20 participantes cada um. Os objetivos deste trabalho foram: aprofundar os resultados da pesquisa quantitativa e conhecer as sugestões dos idosos sobre o que seria interessante realizar para atender suas necessidades e os princípios do programa “Cidade Para Todas As Idades – Cidade Amiga dos Idosos” em Jaguariúna.

RELATÓRIO DA PESQUISA DE LEVANTAMENTO

Equipe da Unicamp

Profa. Dra. Anita Liberalesso Neri, coordenadora.

Taiguara Bertelli Costa, Doutor em Gerontologia e coordenador do curso de Educação Física da FAJ.

Giovanni Vendramini Alves, Márcia Guimarães ,

Erika Valeska da Costa Alves e Vanessa Paola Rojas Fernandez,

Doutorandos em Gerontologia na Unicamp.

Marisa Tavares Fernandes, Aline do Nascimento Nishida e Maura F. Franco,

Mestrandas em Gerontologia na Unicamp.

Gabriela Cardoso, Karine Coimbra, Leticia Medeiros, Sarah Fernanda Silva,
quintanistas de Psicologia na PUCCampinas em 2016.

Resumo

A criação de cidades amigáveis aos idosos é beneficiada e deve basear-se em prévio levantamento de suas necessidades e expectativas. **Objetivos:** Investigar variações nas avaliações de idosos quanto às condições do ambiente físico e social de sua cidade, considerando as variáveis gênero, idade, região de residência, condições de saúde e nível de participação social. **Métodos:** amostra de conveniência de 443 idosos, idade média de 69.4 ± 26.6 , residentes em Jaguariúna/SP há $31,1 \pm 7.1$ anos, 60.2% mulheres. Foram entrevistados em núcleos de esportes e lazer e voluntariado, centros dia e de convivência, unidades básicas de saúde e domicílios, com base em 72 itens avaliativos dispostos em 8 domínios; 16 itens sobre condições de saúde, 13 sobre participação social e 25 sobre características sociodemográficas. **Resultados:** Os domínios avaliados de forma mais negativa pela maioria foram transportes e ambiente urbano. Mulheres e idosos de 60 a 69 anos avaliaram os transportes de forma mais negativa do que os homens e os octogenários. O domínio moradia teve a melhor avaliação. Os idosos com piores condições de saúde e menor participação social avaliaram mais negativamente os domínios participação social, comunicação e informação, apoio e cuidado e oportunidades para aprendizagem. Os de bairros periféricos avaliaram todos os domínios de forma mais negativa e mostraram menor ligação afetiva com a cidade. **Conclusões:** Os idosos que mais utilizam os recursos urbanos, os fisicamente mais limitados e os socialmente menos incluídos foram os que mais identificaram barreiras físicas, restrições à participação e à inclusão social e investimento insuficiente em acessibilidade e em recursos sociais. A forte ligação afetiva da maioria dos idosos com a cidade poderá funcionar como elemento motivacional para seu engajamento no programa “Cidade Para Todas As Idades – Cidade Amiga dos Idosos”.

Introdução

Cidades amigáveis aos idosos são aquelas em que as políticas, os serviços, os ambientes e as estruturas sociais apoiam os idosos e permitem que eles envelheçam de forma ativa¹. O planejamento desses ambientes deve considerar que o ambiente físico e o ambiente social interagem reciprocamente com fatores intrapessoais, entre eles o status de saúde e a capacidade funcional¹⁻². Três perspectivas teóricas sobre a interação idoso-ambiente fundamentam a noção de cidades amigas dos idosos: a ecológica³, a de docilidade ambiental⁴ e a de inclusão social⁵.

Segundo a teoria ecológica de Bronfrenbrenner (1977)³, existem relações de reciprocidade entre os indivíduos e o ambiente, as quais ocorrem cotidianamente nos níveis micro (casa e vizinhança), medial (espaços públicos rurais e urbanos, transportes, serviços, escolas, centros-dia, centros de convivência e residenciais para idosos, hospitais e unidades básicas de saúde), e macro (governo, leis e políticas públicas). Relações de reciprocidade significam que o ambiente modifica o comportamento do idoso, que também modifica o ambiente, para adaptá-lo às suas necessidades. O ambiente não é estático, mas permanece em contínua mudança, em virtude das exigências criadas pelo desenvolvimento e pelo envelhecimento³.

Conforme a competência comportamental declina em virtude de doenças ou do processo normativo de envelhecimento, o comportamento dos idosos passa a ser cada vez mais determinado pelo ambiente. Se as exigências forem superiores aos seus recursos, sua funcionalidade sairá prejudicada; se forem compatíveis com os recursos, a funcionalidade será promovida⁴. Ambientes adaptados, dóceis ou amigáveis aos idosos cumprem três funções básicas: manutenção (a consistência e previsibilidade do ambiente contribuem para que a pessoa desenvolva senso de pertencimento, ligação afetiva, identidade e satisfação), estimulação (evocação de comportamentos adaptativos de natureza social, psicológica e de saúde) e suporte (compensação ou diminuição de perdas associadas ao envelhecimento). Quando essas três funções são eficazes, os idosos têm grande chance de derivar sentidos de autonomia, de identidade e de

pertencimento⁴⁻⁵. Dois modelos teóricos derivam do conceito de docilidade ambiental: o modelo pressão-competência⁶, segundo o qual, na velhice, o comportamento é fruto da interação entre a competência pessoal^[1] e a pressão ambiental^[2], e o modelo congruência pessoa-ambiente⁷, segundo o qual o comportamento é função da compatibilidade entre as características e as necessidades das pessoas e a capacidade do ambiente de responder a elas e oferecer os apoios necessários à sua realização. As pessoas são proativas, isto é, atuam no sentido de alterar o ambiente de forma a torna-lo mais dócil ou amigável às suas características e necessidades, ou de conseguir melhor adaptação.

Segundo a teoria da inclusão social⁸, o ajuste entre os idosos e o ambiente é fundamental à determinação da conectividade social. A participação e a integração social referem-se à vida em comunidade, ao capital social, à participação cívica, às redes de relações sociais e às relações de mutualidade e reciprocidade que os idosos mantem com outros idosos e com pessoas mais jovens. Quando ocorre privação ou afastamento de indivíduos, famílias ou comunidades de recursos, benefícios e oportunidades sociais, em virtude de fatores como gênero, pobreza, raça ou idade, fica caracterizada a exclusão social, que tem altos custos para eles e para a sociedade⁸.

As Políticas para o Envelhecimento Ativo (OMS 2002)⁹ e as teorias ecológica³, pressão-competência⁶, congruência pessoa-ambiente⁷ e de inclusão social⁸ fundamentam o programa Cidades Amigas dos Idosos, lançado pela Organização Mundial da Saúde em 2005 e formalizado em 2007¹⁰⁻¹¹. A operacionalização do conceito foi feita por meio de pesquisa qualitativa envolvendo 1.485 idosos, 250 cuidadores e 515 outros profissionais residentes em 33 cidades localizadas nos cinco continentes¹². Reunidos em grupos focais realizados em cada uma das cidades, os participantes estabeleceram os oito domínios do conceito de cidade amiga dos idosos: (a) espaço urbano (incluindo parques, jardins, ruas, avenidas e edifícios públicos); (b) transportes; (c) moradia e vizinhança; (d) participação social; (e) respeito e inclusão social; (f) participação cívica e emprego; (g) comunicação e informação, e (h) apoios e

[1] O termo competência diz respeito à capacidade funcional de um indivíduo, sendo esta dependente de sua saúde biológica, seu funcionamento sensorio-perceptual, suas habilidades motoras e cognitivas e sua motivação.

[2] A pressão ambiental é exercida pelas demandas externas, de natureza física, social ou interpessoal, sobre os recursos ou a competência comportamental do indivíduo.

cuidado, por meio de serviços comunitários e de saúde¹⁰⁻¹¹. Em 2005/6, a OMS deu a público o protocolo da Rede Global de Cidades Amigas dos Idosos¹³, reiterado em 2015¹⁴⁻¹⁵, o qual investe na pesquisa, no monitoramento constante e nos intercâmbios de informação entre as cidades envolvidas na Rede.

A pesquisa sobre ambientes amigáveis para idosos tem mostrado que espaços domésticos, institucionais e urbanos sem barreiras físicas, informativas e sociais, assim como a presença de elementos facilitadores da adaptação, beneficiam a saúde, a participação social e a equidade em saúde¹⁶. Preditores significativos de boa qualidade de vida associada a ambientes amigáveis incluem vizinhanças onde os idosos podem movimentar-se a pé¹⁷; apoio social e coesão social¹⁷⁻¹⁸; suporte social da família, de amigos e de vizinhos¹⁹⁻²¹; ambientes bonitos e agradáveis, espaços acessíveis e seguros para caminhadas²¹; acesso a serviços localizados perto de casa e percepção de segurança no ambiente próximo à moradia²².

A mobilidade e a participação social dos idosos são favorecidas pela presença de recursos e facilidades de lazer e recreação, de apoio social, de transporte público adequado e de segurança física no ambiente urbano e na vizinhança²³; pela disponibilidade de parques, áreas verdes e áreas de uso misto perto da moradia, pela acessibilidade e conectividade das ruas, pela existência de edifícios públicos com plantas que facilitam a orientação e a mobilidade, e pela presença de áreas para a prática de atividades físicas²⁴⁻²⁵. São prejudicadas por ruas mal cuidadas e acidentadas, por falta de segurança física na vizinhança e pela inexistência de facilidades como mercadinhos, bancos, serviços de saúde, farmácias, igrejas, clubes e áreas para caminhadas, descanso e encontros nas vizinhanças²⁶.

De forma relativamente independente das condições objetivas da saúde, da participação social e das características do ambiente, alta satisfação com os espaços urbanos, os transportes, a moradia, a participação social e o respeito e a inclusão social associam-se de forma robusta com avaliações positivas da própria saúde²⁷, que são importantes preditores da adesão a práticas de autocuidado, de saúde objetiva e de longevidade. A possibilidade de participação social, a presença de vizinhos prestativos e o senso de pertencimento relacionam-se com auto avaliação positiva de saúde, ao passo que a escassez dessas condições associam-se com depressão²⁸.

No momento, mais de 540 cidades e comunidades distribuídas por todo o mundo estão envolvidas com o programa Cidades Amigas dos Idosos¹². No Brasil, há apenas Veranópolis, RS, que seguiu a metodologia da OMS, e Porto Alegre, RS. Pelas peculiaridades de sua localização e de sua condição socioeconômica, Jaguariúna constitui-se em local privilegiado para a condução de um segundo projeto dessa modalidade, seguindo a metodologia da OMS. As duas cidades poderão servir como modelos para a realização de novos trabalhos de intervenção na modalidade cidade amiga dos idosos e de investigações sobre relações entre características de saúde e psicossociais de idosos e suas avaliações com relação às condições do ambiente físico e social em que vivem.

Objetivo

Realizamos uma pesquisa com o objetivo de investigar variações nas opiniões de idosos de Jaguariúna com relação (a) às condições objetivas do ambiente construído e do ambiente social, (b) às avaliações que realizam dessas condições mediante critérios subjetivos e (c) ao grau de ligação afetiva que guardam com a moradia, a vizinhança e a cidade, considerando as variáveis gênero, idade, região de residência, saúde e nível de participação social.

Métodos

Jaguariúna é um dos municípios da Região Administrativa de Campinas. Ocupa uma área de 141.39 km² e tinha população estimada em 51.248 habitantes, em 2016. Sua densidade demográfica é de 363,46/km² e a taxa geométrica anual de crescimento da população era de 2.51 ao ano, no período 2010-2016. Altamente urbanizado e industrializado, tem um índice de envelhecimento de 61,96; sua população menor do que 15 anos corresponde a 19,40% do total e a razão de sexos é de 97,79.

Em 2016, o percentual de pessoas de 60 anos e mais na população era de 12,02%. Na população idosa de 6.161 habitantes, 54,4% eram mulheres²⁹. A Tabela 1 exhibe a distribuição proporcional das mulheres e dos homens idosos, por faixas de idade, na população idosa e na amostra.

Tabela 1

Participantes

Foi estruturada amostra de conveniência^[3] composta por 443 idosos com 60 anos e mais, residentes na cidade de Jaguariúna, selecionados dentre os 459 que se apresentaram para participar na pesquisa. Os critérios de inclusão foram os seguintes: (a) pontuação superior à nota de corte no Mini-Exame do Estado Mental (MEEM)^[4] (b) idade mínima de 60 anos e (c) residência permanente na cidade há pelo menos um ano. Do total de 459 pessoas que se apresentaram para a pesquisa, 12 foram excluídos por pontuação inferior à nota de corte no MEEM, indicando possível dificuldade de compreender as instruções, e quatro por não terem 60 anos. A idade da amostra variou entre 60 e 92 anos (média= 69.4 ± 7.1 anos). Os participantes moravam em Jaguariúna por um período que variou desde um até 86 anos (média 31.1 ± 21.6 anos).

Precedendo a fase de coleta de dados, procede-se à sensibilização dos idosos e da população em geral para a pesquisa, a qual constou da veiculação de notícias e convites por meio de cartazes impressos, de divulgação por meio dos jornais impressos e das emissoras de rádio e TV da cidade; de avisos dados nas igrejas, nos parques públicos e em programas de esportes e lazer para idosos promovidos pela Prefeitura; de convites feitos a grupos religiosos e a grupos de sociabilidade espontânea (p.ex. para jogar cartas e dominó, pescaria e artesanato), e por meio de palestra realizada pela coordenadora da pesquisa, em sessão comemorativa do Dia do Idoso do ano de 2016, promovida pela Prefeitura.

Coleta de dados

Em cada um dos locais selecionados para o recrutamento e a coleta de dados, os trabalhos estenderam-se pelo período em que havia idosos disponíveis para participar da pesquisa, entre os meses de novembro de 2016 e maio de 2017. Alunos de pós-

^[3] Amostras de conveniência são aquelas em que os participantes não são selecionados por sorteio ou por algum outro critério intencional. Exs: os que se encontram num determinado local na ocasião em que os pesquisadores vão coletar dados; os frequentadores habituais de um determinado serviço ou instituição; os que atendem anúncios feitos em emissoras de rádio e TV.

^[4] O Mini-Exame do Estado Mental (MEEM) é um instrumento breve de rastreio de funções cognitivas (memória, orientação temporal e espacial, atenção, nomeação, obediência a um comando verbal e a um escrito, redação livre de uma sentença e cópia de um desenho complexo). O escore total é de 30 pontos. O ponto de corte é calculado segundo os anos de escolaridade^[32]. Oferece uma indicação (não um diagnóstico) de presença de déficit cognitivo. É muito usada em pesquisas e na clínica.

graduação em Gerontologia da Universidade Estadual de Campinas, de graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e de graduação em Educação Física das Faculdades de Jaguariúna foram convidados individualmente para realizar as tarefas de recrutamento e coleta de dados. Foram treinados e acompanhados por dois professores e por um estudante de pós-graduação da Unicamp.

Os entrevistadores compareciam aos pontos de fluxo^[5] dos idosos, onde eram apresentados pelos profissionais que desenvolviam trabalhos junto à essa população. Esses profissionais assim procederam atendendo à solicitação da coordenação da pesquisa, autorizada pela Prefeitura de Jaguariúna. Outra possibilidade para o contato com os idosos foi o prévio agendamento de horários pelos dirigentes dos centros-dia, dos grupos sociais e de um grupo de profissionais idosos. Uma terceira foi o comparecimento dos entrevistadores às praças e jardins de encontro espontâneo dos idosos, que foram individualmente convidados a participar.

Os idosos foram instruídos sobre os objetivos, os procedimentos a serem adotados e os aspectos éticos da pesquisa. Foram informados de que receberiam informações sobre os resultados da pesquisa de levantamento em fóruns e em sessões de discussão em grupos. Receberam a informação de que um relatório de dados consolidados seria oferecido ao governo municipal, para que o utilize no planejamento e na implantação de políticas sociais para o envelhecimento ativo em Jaguariúna. Todos assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). O projeto de pesquisa e os termos do TCLE foram aprovados pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual de Campinas sob o número 1.902.178 e registrado na Plataforma Brasil / Ministério da Saúde, sob o número C.A.A.E. 62580416.7.0000.5404.

As entrevistas tiveram duração média de 45.2 ± 10.7 min e valores mínimo e máximo respectivamente de 23 e 90 minutos. Consistiram na aplicação de nove blocos de itens de autorrelato, de natureza dicotômica, escalar ou de resposta estruturada pelos idosos.

Variáveis e medidas

^[5]Pontos de fluxo: locais normalmente frequentados por um grupo de interesse, no caso dos idosos de Jaguariúna, parques, quadras de esporte, praças, salões paroquiais, circuitos de caminhada e Unidades Básicas de Saúde.

1. **Sociodemográficas.** Foram aplicadas 24 questões dicotômicas, de múltipla escolha ou de resposta estruturada pelos idosos.
2. **Doenças autorrelatadas que, segundo os idosos, foram diagnosticadas por médico no último ano.** Esta variável foi avaliada por meio de itens de natureza dicotômica, abrangendo nove itens: doenças do coração; infarto do miocárdio/angina/ataque cardíaco; pressão alta/hipertensão; Derrame/AVC/isquemia; diabetes mellitus; tumor maligno/câncer; artrite/reumatismo; doenças do pulmão, como bronquite e enfisema; depressão e osteoporose³¹.
3. **Status nutricional conforme autoavaliação.** Foi avaliado por meio um item de autoavaliação do estado nutricional, que se seguiu a outros seis, adaptados da Mini-Avaliação Nutricional³²⁻³³.
4. **Fragilidade.** Definida como síndrome multifatorial caracterizada por perda de energia e aumento da vulnerabilidade a eventos adversos, esta variável foi definida pelos cinco critérios propostos por Fried et al (2001)³⁴: perda de peso não intencional no ano anterior à entrevista, baixa força de preensão manual, baixa velocidade da marcha, inatividade física e fadiga na semana que antecedeu a entrevista. Para avalia-la, foi usado questionário com 6 questões de autorrelato, construído e validado por Nunes et al (2015)³⁵.
5. **Avaliação subjetiva da própria saúde.** Foi avaliada por uma questão escalar com cinco intensidades (1=muito ruim; 2 = ruim, 3 = condição intermediária, 4 = boa e 5 = muito boa), em que se perguntava como cada idoso avaliava a própria saúde³⁶.
6. **Participação social.** Foi indicado pelo desempenho de 13 atividades avançadas da vida diária (AAVDs) associadas à sociabilidade, ao lazer, à produtividade e ao envolvimento social. Faziam parte do inventário as seguintes atividades: preparar um lanche ou refeição ou arrumar a casa para receber visitas, fazer visitas, usar e-mail ou redes sociais para comunicar-se, manter contato telefônico com familiares e amigos, ler livros, revistas e jornais, frequentar atividades sociais ligadas a igrejas, ir a igreja para cultos, fazer viagens de curtas distância e duração, fazer viagens de longas distância e duração; realizar trabalho voluntário; tomar parte em grupos de convivência ou cursos de atualização fora de casa, e participar de

diretorias ou conselhos³⁷⁻³⁹. As AAVD comportavam as respostas sim ou não. Foram contadas as respostas sim e a participação social foi classificada em baixa (de 0 a 4), intermediária (de 5 a 8) e alta (de 9 a 13 AAVDs).

7. **Opiniões dos idosos sobre as condições objetivas do ambiente construído e do ambiente social da cidade.** Foram avaliadas mediante 57 itens escalares de 4 pontos, nos quais 0 = nada, 1 = um pouco, 2 = muito e 3 = muitíssimo, organizados em oito domínios: ambiente urbano (13 itens), transportes (12), moradia e vizinhança (7), participação social (8), respeito e inclusão social (4), comunicação e informação (3), oportunidades para aprendizagem (2) e apoio e cuidado (9)⁴⁰⁻⁴¹.
8. **Avaliação subjetiva do ambiente construído e do ambiente social.** Escala de oito itens tipo Likert, com cinco intensidades, criados para este estudo, cujo conteúdo resumia o conteúdo dos oito blocos utilizados para avaliar objetivamente as condições do ambiente. Em cada um dos oito itens, os idosos foram convidados a dar uma nota que podia variar de 1 (a pior) a 5 (a melhor)⁴².
9. **Ligação afetiva com a casa, a vizinhança, o bairro e a cidade.** Foram 6 itens escalares com 4 intensidades cada um (de 0 = nada a muitíssimo = 3). Esses itens perguntavam sobre sentimentos de afeto, orgulho e apreço dos idosos em relação ao contexto social em que vivem⁴³.

Nos três questionários acima descritos (itens 7, 8 e 9), quanto mais baixa a pontuação total em cada domínio ou quanto mais baixas a média e a mediana, mais negativa a avaliação. Os itens redigidos no negativo foram invertidos para efeito da análise de dados.

Resultados

Os idosos foram recrutados e entrevistados em centros de esporte, lazer e promoção de saúde localizados nos parques da cidade (165 ou 37.2 %), nos seus domicílios (100 ou 22.5%), em Unidades Básicas de Saúde (64 ou 14.5%), em centros-dia (47 ou 10.6%), em casas paroquiais e obras assistenciais onde se encontram grupos sociais (34 ou 7.8%), em locais de convivência espontânea, como praças e jardins (26 ou 5.8%) e em seus locais de trabalho (7 ou 1.6%). Cento e oitenta e dois participantes

(41.1% da amostra) residiam na região central da cidade (regiões 3 e 4), 102 (23%) residiam no entorno do centro (regiões 1, 5 e 6) e 159 (35.9%) residiam em bairros periféricos (regiões 7, 8 e 9).

A maioria dos participantes eram mulheres, tinham entre 60 e 69 anos de idade, eram casados, viviam com o cônjuge e tinham de 3 a 5 filhos; declararam-se brancos, alfabetizados, com até 4 anos de instrução formal, católicos, chefes ou contribuintes para o sustento da família e proprietários da residência; não exerciam trabalho remunerado, eram aposentados e achavam que o dinheiro que entra mensalmente no orçamento da família é suficiente para seu sustento. A maioria morava com o/a cônjuge ou companheiro/a. O tempo de escolaridade formal alcançou a média de 5.24 ± 4.16 anos. O número médio de filhos foi de 3.46 ± 2.21 . Uma minoria tinha acesso a planos privados de serviços médicos e odontológicos. Uma minoria estava prestando cuidados nos últimos 12 meses, geralmente a um cônjuge ou a um progenitor (Tabela 2).

Tabela 2

A maioria dos idosos tinha doenças crônicas e consumia remédios. Os idosos que se avaliaram como bem nutridos foram mais numerosos do que os que se avaliaram como desnutridos. A maioria estava em processo de fragilização. A maioria avaliou a própria saúde como boa e muito boa (Tabela 3).

Tabela 3

Foram analisadas as distribuições das pontuações relativas às opiniões dos idosos sobre aspectos objetivos do ambiente da cidade. Eles responderam a 56 itens de 4 pontos cada um, nos quais 0 = nada e 3 = muitíssimo. O domínio moradia foi o que obteve pontuações mais positivas. Com exceção do item existência de lojas, bancos e supermercados próximos da casa, as pontuações atribuídas aos itens desse domínio foram altas. Em segundo lugar vieram os domínios apoio e cuidado e participação social. No domínio cuidado, os itens com piores avaliações foram escassez de serviços de apoio a idosos que sofrem abusos e maus tratos e escassez de apoio emocional. No domínio participação social, o item com pior avaliação foi o relativo ao contato com familiares e amigos. Os domínios oportunidades para aprendizagem e respeito e inclusão social tiveram médias em torno de 1.72. Nesses dois domínios, os itens com

pontuação mais baixa referem-se a respeito e inclusão social (os jovens respeitam menos os idosos do que estes gostariam e os mais pobres podem estar sendo socialmente excluídos). No domínio comunicação e informação, os idosos queixaram-se principalmente da falta de acesso a equipamentos de comunicação eletrônica.

O domínio com as piores avaliações foi transportes. Na opinião dos idosos, os ônibus urbanos deixam a desejar quanto à provisão de proteção contra roubos e assaltos e contra quedas e acidentes, assim como quanto à falta de respeito aos assentos reservados a idosos e a pessoas com deficiência. Queixaram-se, também, da escassez de vagas para estacionar na cidade e da falta de adequadas condições de acesso para idosos e pessoas com mobilidade reduzida. O domínio ambiente urbano alcançou o segundo lugar em avaliações negativas, com destaque para ao mau estado de conservação das calçadas, a falta de rebaixamento para cadeiras de rodas, a falta de dispositivos para evitar furtos e roubos, a falta de banheiros públicos limpos e acessíveis e a escassez de dispositivos para evitar quedas nos prédios públicos (Tabela 4).

Tabela 4

As avaliações subjetivas dos idosos sobre o ambiente físico e social foram expressas por 8 itens com pontuação de 1 a 5, em que 1 = pouquíssimo e 5 = muitíssimo. Os resultados foram em geral positivos (mais positivos do que os decorrentes da avaliação dos aspectos objetivos), com exceção das relativos a transportes, logradouros públicos e apoios oferecidos aos mais velhos (Tabela 5).

Tabela 5

Na avaliação da ligação afetiva dos idosos com a cidade, com 6 itens de 5 pontos cada um, o domínio com melhor avaliação foi relativo à moradia, classificada como um lugar muito especial. De modo geral, os indicadores da ligação afetiva dos idosos com a cidade são muito positivos (Tabela 6).

Tabela 6

Como resultado das comparações entre as distribuições das pontuações que refletem as opiniões dos idosos sobre o ambiente físico e social da cidade, considerando as variáveis em estudo, foram observadas as diferenças estatisticamente

significativas ($p \leq 0.05$ para os testes de Mann-Whitney e de Kruskal-Wallis) citadas a seguir e detalhadas nas Tabelas 7 a 14.

- **Gênero:** as mulheres avaliaram os transportes de forma mais negativa do que os homens.
- **Idade:** os de 60 a 69 anos pontuaram mais negativamente do que os de 80 anos e mais em transportes, em respeito e inclusão social e em avaliação subjetiva do ambiente; os octogenários pontuaram mais negativamente do que os de 60 a 69 anos em participação social.
- **Região de residência:** os idosos residentes nas regiões periféricas mostraram-se mais descontentes do que os residentes nas demais regiões, com relação a todos os domínios analisados. Mostraram pouca ligação afetiva com a cidade.
- **Número de doenças crônicas:** os idosos com 3 ou mais doenças crônicas pontuaram mais baixo do que os dois grupos mais jovens em participação social, comunicação e informação e apoio e cuidado. Os idosos com 1 ou 2 e com 3 ou mais doenças pontuaram mais baixo do que os sem doenças em avaliação subjetiva de saúde.
- **Nutrição:** avaliação subjetiva do ambiente mais negativa entre os bem nutridos do que entre os mal nutridos.
- **Fragilidade:** os idosos frágeis avaliaram mais negativamente do que os pré-frágeis e os robustos as condições de moradia, participação social, comunicação e informação e oportunidades para realizar novas aprendizagens; os robustos pontuaram mais negativamente do que os pré-frágeis e os frágeis em avaliação subjetiva do ambiente.
- **Avaliação de saúde:** os idosos que avaliaram negativamente a sua saúde avaliaram mais negativamente os domínios moradia, participação social, comunicação e informação e apoio e cuidado do que os que avaliaram a própria saúde como boa ou muito boa, ou de qualidade intermediária.
- **Participação social:** os idosos que realizavam menos atividades sociais avaliaram mais negativamente as condições de moradia, participação social, comunicação e informação e apoio e cuidado, assim como revelaram ter menor ligação afetiva com a cidade do que os grupos com participação social elevada ou de nível intermediário.

Discussão

Foi observada forte ligação afetiva dos idosos com a cidade, com a moradia e com a vizinhança, refletida em altas pontuações nos itens correspondentes a essas dimensões. As avaliações subjetivas foram mais positivas do que as avaliações dos aspectos objetivos do ambiente. Entre estes, sobressaiu-se a avaliação do domínio moradia, que incluiu a casa propriamente dita e a vizinhança. Em conjunto esses dados apontam para a importância atribuída pelos idosos aos seus locais de pertencimento, história e identidade. São indicativos da relevância dos vínculos afetivos, da familiaridade e da proteção oferecidas pelos ambientes onde se dão as relações sociais mais próximas, entre eles a vizinhança e o lar, e estão em linha com dados obtidos por outras pesquisas⁴²⁻⁴⁵.

No entanto, os idosos residentes nas regiões periféricas não só se mostraram mais descontentes com relação a todos os domínios e com menor ligação afetiva com a cidade do que os residentes nas demais regiões, como também incluíram a moradia e a vizinhança entre os itens que avaliaram como deficitários. Possíveis explicações originam-se do fato de esses cidadãos serem socialmente excluídos pela pobreza. Residem em bairros com menos recursos urbanísticos e de convivência, dos quais não têm orgulho. Parte deles são migrantes, talvez desenraizados de seus locais de origem, ainda não completamente integrados no novo habitat e com menos pertencimento do que os nativos. Esses idosos teriam menos prestígio e menor capital social do que os idosos economicamente mais favorecidos⁸ e do que os residentes de longa data na cidade. Provavelmente sofrem os efeitos de adversidades atuais e acumuladas no curso de vida e acreditam pouco nas próprias capacidades para dar conta do que os incomoda ou lhes faz falta^{12;47-48}. É possível que tenham piores condições de saúde, e assim, pior mobilidade, mais inatividade e menos iniciativa do que outros idosos mais saudáveis, funcionais e ativos, e assim, com melhores condições de realizar os ajustes necessários no ambiente ou em si próprios.

Experiências sucessivas de insucesso em vários domínios da vida dão origem à baixa crença nas próprias capacidades para dar conta dos riscos e desafios⁴⁷. Com isto, enfraquece-se a pro-atividade para tornar o ambiente mais amigável aos recursos

peçoais, fortalece-se o senso de perda de controle e diminuem a competência comportamental e a conectividade social^{5-8;20;47}.Essas desvantagens consolidam a condição de maior vulnerabilidade a estressores de natureza interna e externa⁴⁷ e, igualmente, a condição de relativa exclusão social⁸ desses idosos.

É importante lembrar que os bairros periféricos congregaram a maior parte dos entrevistados em domicílio, o que provavelmente determinou maior presença de idosos com problemas de mobilidade, doenças crônicas e incapacidades físicas. Estas condições tornariam pior a qualidade de sua interação com o ambiente e teriam contribuído para a generalidade de suas opiniões negativas. Estas abrangeram a moradia e a vizinhança, domínios não só preservados de críticas, como altamente valorizados pela grande maioria dos idosos. Corroboram essa ideia a observação de avaliações mais negativas da moradia por parte de idosos frágeis, com avaliação negativa da própria saúde e com baixa participação social.

Independentemente de condições de saúde e de participação social, o domínio do ambiente avaliado de forma mais negativa pela totalidade dos idosos foi dos transportes. Os aspectos com pior avaliação foram ausência de proteção contra roubos e assaltos, ausência de proteção contra quedas e acidentes, desrespeito aos assentos reservados a idosos e a pessoas com deficiência, e restrições à acessibilidade para idosos e para pessoas com mobilidade reduzida. Na avaliação das condições do ambiente urbano, que foi o segundo domínio com pior avaliação, os idosos relataram que são escassas as providências de conservação das calçadas e de rebaixamentos para cadeiras de rodas, indisponíveis os dispositivos para evitar furtos e roubos e insuficiente a quantidade de banheiros públicos acessíveis e limpos. Esse conjunto de carências reflete incongruência ou desequilíbrio entre a pressão exercida pelos transportes e pelos espaços urbanos e as competências comportamentais dos idosos. Estas são naturalmente limitadas pelo processo normativo de envelhecimento e pela presença de doenças crônicas, fragilidade e problemas de mobilidade.

Dito de outra forma, transportes urbanos e dos espaços urbanos são pouco amigáveis para os idosos, o que indica desatenção aos princípios de respeito e inclusão social devidos a todos e não só aos que se assemelham aos padrões tidos como normais⁴⁻⁷. Não por acaso, os idosos indistintamente queixaram-se da falta de respeito

aos direitos e da exclusão social, mas essas queixas foram mais comuns entre os com mais doenças, fragilidade e incapacidades, um dado que foi observado em pesquisas realizadas em outros países^{19;22; 24; 25; 26; 38-39}. Nesta pesquisa, as avaliações subjetivas positivas feitas por idosos de 80 anos e mais com relação a itens que exigem recursos físicos e sociais podem ser sinal de uso da negação como recurso psicológico de enfrentamento das pressões ambientais que não conseguem manejar diretamente⁴⁸.

As mulheres terão avaliado os transportes de forma mais negativa do que os homens porque suas condições de saúde e de mobilidade são piores do que as deles^{31;34;40}. A avaliação mais negativa dos transportes pelos idosos de 60 a 69 anos do que pelos octogenários pode ser interpretada como fruto de maior conhecimento, já que os primeiros saem mais de casa e utilizam mais os transportes do que os segundos. Por saírem mais de casa, os idosos mais jovens são provavelmente mais expostos a situações envolvendo discriminação por idade. Essa percepção se reflete em avaliação negativa dos itens do domínio respeito e inclusão social, e também, em avaliação subjetiva global menos positiva dos domínios do ambiente físico e social^{18-19; 25-26; 28}. Parte dos indivíduos avaliou que há escassez de serviços de apoio a idosos que sofrem abusos e maus tratos e que necessitam de apoio emocional; que há falta de respeito aos direitos dos mais velhos e de inclusão social para os mais pobres, e que há pouco acesso a equipamentos de comunicação eletrônica à disposição dos idosos. São questões éticas e sociais importantes que excedem os limites das necessidades em saúde.

Limitações e indicações para novas pesquisas

A amostra tinha um percentual de mulheres maior do que o existente na população, fato comum nas pesquisas, não só porque elas são mais numerosas na população idosa, mas porque, em virtude de questões culturais, as mulheres são mais presentes em atividades sociais, físicas e de lazer do que os homens adultos e idosos. Além disso, em função da familiaridade com cuidados à saúde e à sociabilidade do que os homens, elas aderem mais a propostas de intervenção e pesquisa do que os homens.

Os homens de 60 a 64 anos e os de 70 a 74, assim como o grupo de mulheres de 75 anos e mais estiveram levemente super-representados na amostra, mas, de modo geral, não foram observadas grandes distorções em comparação com a população geral, o que permite, em parte, generalizar os resultados. O fato de os idosos terem sido

recrutados em pontos de fluxo localizados em diferentes regiões da cidade, e em unidades básicas de saúde, parques e jardins, centros de esporte e lazer, centros-dia e centros de convivência terá contribuído para aumentar a validade dos dados, na medida que diferentes tipos de idosos frequentam esses locais. De toda maneira, novas investigações que vierem a ser realizadas lucrarão em validade se forem baseadas em amostras probabilísticas.

Foram derivados indicadores de consistência interna do instrumento utilizado para a coleta das avaliações dos idosos sobre o ambiente físico e social da cidade. De modo geral os índices foram elevados indicando que são válidos para a produção dos dados pretendidos. Em futuros estudos, será interessante realizar adequações linguísticas do inventário de opiniões novos, assim como estudos psicométricos visando à obtenção de mais informações sobre sua validade em face de instrumentos que medem processos comparáveis.

Conclusões

A presente pesquisa tratou das opiniões dos idosos de Jaguariúna sobre as condições ambientais que a cidade lhes oferece, tendo em vista sua melhor adaptação. Ao apontar associações entre as opiniões e características sociodemográficas, de saúde e de sociabilidade, o estudo produziu dados originais na realidade brasileira.

Os dados prestam-se tanto a subsidiar intervenções nos moldes do programa Cidade Amiga dos Idosos, promovido pela OMS^{1:10-12;14-15}, quanto a oferecer informações úteis à compreensão das relações idosos-ambiente, a partir das perspectivas teóricas correntes na gerontologia ambiental^{2:44-46}. Segundo essas perspectivas, ambientes amigáveis para idosos são aqueles que permitem que continuem ativos, satisfeitos e funcionais nos ambientes com os quais têm forte ligação afetiva e que lhes oferecem acolhimento e confirmação da identidade.

As avaliações das condições do ambiente físico e social dos idosos devem ser multidimensionais. Devem levar em conta as avaliações subjetivas e a ligação afetiva entre os idosos e o seu ambiente, pois elas dão sentido às relações de mutualidade e de reciprocidade que se estabelecem entre eles e o seu ambiente.

A melhor adaptação dos mais velhos depende, também, das políticas e das ações desempenhadas pelas instituições sociais e pela comunidade, agentes que, idealmente,

beneficiam-se de dados de pesquisa focados nas necessidades e expectativas dos maiores interessados na trajetória e nos resultados das intervenções.

Referências

- ¹Menec, V.; Means, R.; Keating, N.; Parkhurst, G. & Eales, J. Conceptualizing Age-Friendly Communities. *Canadian Journal on Aging* 30 (3) : 479– 493 (2011)
- ² Portegijs, E.; Keskinen, K. E.; Tsai, L.-T.; Rantanen, T. & Rantakokko, M. Physical (2017). Limitations, walkability, perceived environmental facilitators and physical activity of older adults in Finland. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 14, 333, 40.
- ³Bronfenbrenner, U. (1977). Toward an experimental ecology of human development. *American Psychologist*, 32: 513-531.
- ⁴ Lawton. M. P.; Altman, I. & Wohlwill, J. (1984). Dimensions of environment behavior research. In I. Altman, M.P. Lawton and J. Wohlwill (Eds.). *Elderly people and environment*. New York: Plenum Press.
- ⁵ Lawton, M.P. (1989). Three functions of the residential environment, *Journal of Housing for the Elderly*, vol. 5, no. 1, pp. 35–50.
- ⁶ Lawton, M.P. & Nahemow, L. (1973). Ecology and the aging process. In: Eisdorder C, Lawton MP, editors. *Psychology of adult development and aging*. Washington: American Psychological Association; p. 657-68.
- ⁷ Kahana, E. A. (1982). Congruence model of person-environment interaction. In: Lawton MP, Windley PG, Byerts TO, editors. *Aging and the environment: theoretical approaches*. New York: Springer; 1982. p. 97-121.
- ⁸ Scharf, T.; Phillipson, C.; Kingston, P. & Smith, A.E. (2001). Social exclusion and older people: exploring the connections. *Education and Ageing*, vol. 16, no. 3, pp. 303–320.
- ⁹ Organização Mundial de Saúde (2002). Active ageing: a policy framework. Genebra, Suíça: Organização Mundial de Saúde; Disponível em: <http://www.who.int/ageing/publications>. Acessado em 30 de setembro de 2016.
- ¹⁰ Organização Mundial de Saúde (2007a). *Global Age-friendly Cities: A Guide*. Genebra, Suíça: Organização Mundial de Saúde.
- ¹¹ Organização Mundial de Saúde (2007b). *WHO Age-friendly Cities Project Methodology: Vancouver Protocol*. Genebra, Suíça: Organização Mundial de Saúde.

Disponível em http://www.who.int/ageing/publications/Microsoft%20Word%20-%20AFC_Vancouver_protocol.pdf. Acessado em 10 de janeiro de 2017.

¹²Emlet, C.A. & Mocerri, J.T. (2012).The importance of social connectedness in building age-friendly communities. *Journal of Aging Research*. Volume 2012, Article ID 173247

¹³Organização Mundial de Saúde (2010). *WHO Global Network of Age-friendly Cities and Communities*. Disponível em www.who.int/ageing/projects/age_friendly_cities_network/en/. Acessado em 30 de setembro de 2016.

¹⁴Organização Mundial de Saúde(2015). *Measuring the Age-Friendliness of Cities: A Guide to Using Core Indicators*, Genebra, Suíça: Organização Mundial de Saúde.Acessado em 30 de setembro de 2016.

¹⁵Organização Mundial de Saúde(s/d). *Application to join the WHO Global Network of Age friendly Cities and Communities*. Disponível em: http://www.who.int/ageing/application_form/en/. Acessado em 30 de setembro de 2016

¹⁶ Tiraphat, S.; Peltzer, K.; Thamma-Aphiphol, K. & Suthisukon K. (2017).The role of age-friendly environments on quality of life among Thai older adults. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 14, 282.

¹⁷ Lehning, A.J.; Smith, R.J.& Dunkle, R.E. (2014). Age-friendly environments and self-rated health: An exploration of Detroit elders. *Research on Aging* 36: 72–94.

¹⁸ Cramm, J.M.; Van Dijk, H.M.; Nieboer, A.P. (2013). The importance of neighborhood social cohesion and social capital for the well being of older adults in the community. *Gerontologist* , 53: 142–152.

¹⁹ Gao, M.; Ahern, J.; Koshland, C.P. (2016). Perceived built environment and health-related quality of life in four types of neighborhoods in Xi'an, China. *Health Place*, 39: 110–115.

²⁰ Ward-Thompson, C. & Aspinall, P.A. (2011). Natural environments and their impact on activity, health, and quality of life. *Applied Psychology. Health and Well-Being*, 3: 230–260.

²¹ Nasution, A.D. & Zahrah, W. (2014). Community perception on public open space and quality of life in Medan, Indonesia. *Procedia Social Behavioral Sciences*, 153: 585–594.

²² Leyden, K.M.; Goldberg, A.& Michelbach, P. (2011). Understanding the pursuit of happiness in ten major cities. *Urban Affairs Reviews*. 47: 861–888.

²³ Weziak-Białowolska, D. (2016). Quality of life in cities -Empirical evidence in comparative European perspective. *Cities* 58: 87–96.

24. Levasseur, M.; Généreux, M.; Bruneau, J.-F.; Vanasse, A.; Chabot, É.; Beaulac, C. & Bédard, M.M. (2015). Importance of proximity to resources and to recreational facilities, social support, transportation and neighbourhood security for mobility and social participation in older adults: results from a scoping study. *BMC Public Health*, 2015;15(503):1–19.
25. Sallis, J. F.; Spoon, C.; Cavill, N.; Engelberg, J. K.; Gebel, K.; Parker, M.; Thornton, C. M.; Lou, D.; Wilson, A.L.; Cutter, C. L. & Ding, D. (2015). Co-benefits of designing communities for active living: an exploration of literature. *International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity*, 12:30
26. Levasseur, M.; Dubois, M-F.; Généreux, M.; Menec, V.; Raina, P; Roy, M.; Gabaude, C.; Couturier, Y. & St-Pierre, C. (2017). Capturing how age-friendly communities foster positive health, social participation and health equity: a study protocol of key components and processes that promote population health in aging Canadians. *BMC Public Health*, 17:502.
27. Wong, M.; Yu, R. & Woo, J. (2017). Effects of perceived neighbourhood environments on self-rated health among community-dwelling older Chinese. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 14: 614;
28. Norstrand, J.A.; Glicksman, A.; Lubben, J. & Kleban, M. (2012). The role of the social environment on physical and mental health of older adults. *J. Hous. Elder.*, 26: 290–307.
29. Fundação Sistema Estadual de Análise de dados/Fundação SEADE; www.seade.gov.br – Informações dos Municípios Paulistas/Jaguariúna, acesso em 30 de julho de 2016.
30. Bertolucci, P.H.F.; Okamoto, I.H.; Brucki, S.M.D.; Siviero, M.D.; Toniolo Neto, J. & Ramos, L.R. (2001). Applicability of the CERAD Neuropsychological Battery to Brazilian Elderly. *Arquivos de Neuropsiquiatria*, 59 (3): 532-536.
31. Lebrão, M.L. & Laurenti, R. (2003). Condições de saúde, in M.L. Lebrão & Y.A.O. Duarte (Eds). *SABE. Saúde, bem-estar e envelhecimento. O projeto SABE no município de São Paulo: uma abordagem inicial* (pp.75-91). Brasília: Organização Pan-Americana de Saúde.
32. Rubenstein, L.Z.; Harke, J.O.; Salva, A.; Guigoz, Y. & Vellas, B. (2001). Screening for undernutrition in geriatric practice: Developing the Short-Form Mini-Nutritional Assessment (MNA-SF). *Journal of Gerontology*, 56A: M366-377.
- 33 Mini Nutritional Assessment MNA® (2001). Nestlé Nutrition Institute. www.mna-elderly.com/forms/MNA_Portuguese. Acesso em 15 de setembro de 2015.
34. Fried, L.P.; Tangen, C.; Walston, J.; Newman, A. B.; Hirsch, C.; Gottdiener, J.; Seeman, T.; Tracy, R.; Kop, J. W.; Burke, G. & McBurnie, M.E. (2001). Frailty in older

adults: Evidence for a phenotype. *Journal of Gerontology: Medical Sciences*, 56A (3): 146-156.

^{35.} Nunes, D.P.; Duarte, Y.A; Santos, J.L. & Lebrão, M.L. (2015). Screening for frailty in older adults using a self-reported instrument. *Revista de Saúde Pública*. 49:2.

^{36.} Bowling A. (2005). *Measuring health. A review of quality of life measurement scales*. Berkshire, Open University Press.

^{37.} Levasseur, M.; Richard, L./ Gauvin, L. & Raymond, E. (2010). Inventory and analysis of definitions of social participation found in the aging literature: proposed taxonomy of social activities. *Social Science and Medicine*, 71(12):2141–2149.

^{38.} Pinto, J.M. & Neri, A.L. (2013). Doenças crônicas, capacidade funcional, envolvimento social e satisfação em idosos comunitários: Estudo Fibra. *Ciênc. saúde coletiva*, Dez, vol.18, no.12, p.3449-3460.

^{39.} Reuben, D.B.; Laliberte, L.; Hiris, J. & Mor. V. (1990). A hierarchical exercise scale to measure function at the Advanced Activities of Daily Living (AADL) level. *Journal of the American Geriatric Society*, 38: 855-861.

^{40.} Barrios, E. & Sanchez, M. (2013). Euskadi Lagunkoia Cuestionario Amigibilidad. Documento não publicado, Fundação Matia.

^{41.} Plouffe, L. Kalache, A. & Voelcker, I. (2016). A critical review of the WHO Age-friendly Cities methodology and its implementation. In Thibault & Garon (Eds) (2016). *Age friendly cities in international comparison: Political lessons, scientific lessons, scientific avenues, and democratic issues*. New York: Springer.

^{42.} Scannell, L. & Robert, G. (2010). Defining place attachment: a tripartite organizing framework. *Journal of Environmental Psychology*. 30:1–10.

^{43.} Luz, T.C.; César, C.C.; Lima-Costa, M.F. & Proietti, F.A. (2011). Satisfaction with the neighborhood environment and health in older elderly: cross-sectional evidence from the Bambuí Cohort Study of Aging. *Cadernos de Saúde Pública*, 27, Sup 3: S390-S398.

^{44.} Oswald, F., Wahl, H.W. & Schilling, O. & Iwarsson S. (2007). Housing-related control beliefs and independence in activities of daily living in very old age. *Scandinavian Journal of Occupational Therapy*, 14(1):33-43.

^{45.} Wahl, H.W. & Oswald, F. (2010). Environmental perspectives on aging (pp.111-124). In: Dannefer D, Phillipson C, editors. *International Handbook of Social Gerontology*. London: SAGE

⁴⁶. Wahl, H.W. & Weisman, G.D. (2003). Environmental gerontology at the beginning of the new millennium: reflections on its historical, empirical, and theoretical development, *Gerontologist*, vol. 43, no. 5, pp. 616–627.

⁴⁷. Diehl, M. (1999). Self-development in adulthood and aging: The role of critical life events. In C. D. Ryff & V. W. Marshall (Eds.), *The self and society in aging process* (pp.150-183). New York: Springer Publishing Company.

⁴⁸. Dich, N.; Hansen, Å.M.; Avlund, K.; Lund, R.; Mortensen, E.L.; Bruunsgaard, H. & Rod, N.H. (2015). Early life adversity potentiates the effects of later life stress on cumulative physiological dysregulation. *Anxiety Stress and Coping*, 28(4):372-90.

Tabelas e figuras do estudo de levantamento

Tabela 1. Homens e de mulheres por faixa de idade, na amostra e na população geral. Jaguariúna, 2016-2017.

Homens		Mulheres		Total	
Amostra	População	Amostra	População	Amostra	População

60-64	26.7	34.4	33.8	31.7	33.0	32.8
65-69	23.3	25.4	24.8	24.3	24.5	24.9
70-74	26.1	18.6	19.2	17.6	22.5	18.1
75 +	23.9	21.6	22.2	26.4	23.0	24.2

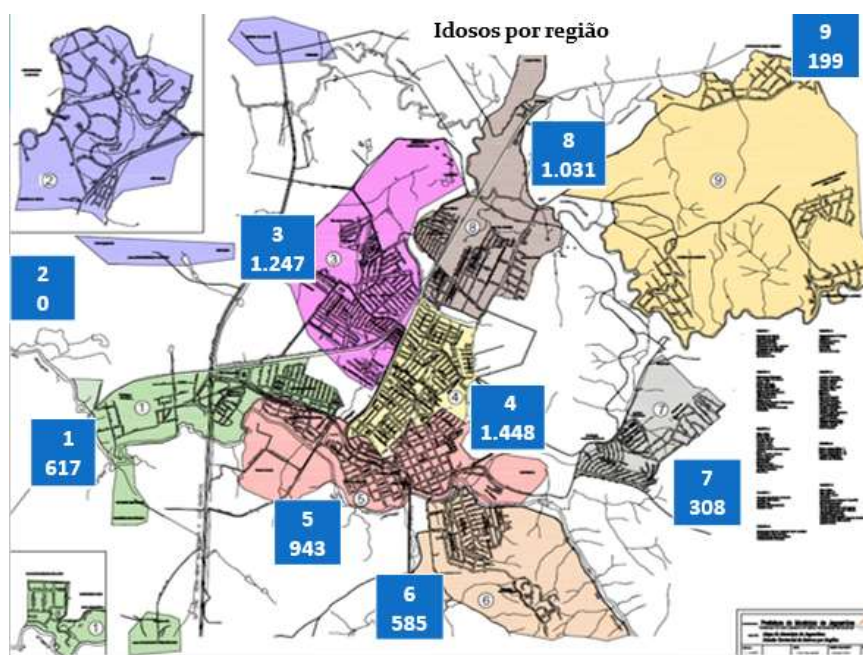


Figura 1. Regiões geográficas, com o número de idosos registrados no programa Cartão Cidadão, em julho de 2014. Fonte: Secretaria de Assistência Social do Município de Jaguariúna, 2016.

Tabela 2. Idosos conforme critérios sociodemográficos. Jaguariúna, SP, 2016-2017.

Variáveis e condições		n	%
Gênero	Masculino	176	39.8
	Feminino	267	60.2
Idade	60-69	245	55.3

	70-79	157	35.5
	80 +	41	9,2
Cor	Branca	297	67.5
	Parda	109	24.8
	Preta e amarela	34	7.7
Status conjugal	Casados	265	60.2
	Solteiros e divorciados	67	15.4
	Viúvos	108	24.6
Número de filhos	0 ou 1	52	12.7
	3 a 5	298	72.7
	6 ou +	60	14.6
Alfabetizados	Sim	335	75.8
	Não	107	24.2
Anos de escolaridade	Nenhum	87	19.7
	1 a 4	210	65.0
	8 ou mais	58	15.3
Trabalho remunerado	Sim	77	17.8
	Não	356	82.2
Aposentados	Sim	300	70.3
	Não	127	29.7
Chefia familiar	Sim	217	52.4
	Não	197	47.6
Contribuem para o sustento da família	Sim	293	77.9
	Não	83	22.1
Renda suficiente?	Sim	300	69.9
	Não	135	31.0
Convênio de serviços médicos e hospitalares	Sim	79	18.1
	Não	373	81.9
Convênio de serviços odontológicos	Sim	18	4.1
	Não	422	95.9
Moram sozinhos	Sim	63	14.5
	Não	371	85.5
Moram com o/a cônjuge	Sim	265	61.0
	Não	169	39.0
Religião	Católica	299	67.9
	Evangélica	105	23.8
	Outras ou nenhuma	36	8.3
Cuidado familiar a um idoso nos 12 meses anteriores	Sim	65	14.8
	Não	373	85.2
A quem?	Ao cônjuge	21	32.0
	Aos pais	21	32.0
	Outros	23	36.0

Tabela 3. Idosos conforme critérios de saúde e de participação social. Jaguariúna, 2016-2017 .

	Valores	n	%
Doenças no ano anterior	0	61	13.8
	1 ou 2	229	51.7

	3 ou +	153	34.5
Idosos conforme estado nutricional autorrelatado	Desnutridos	190	43.8
	Nutridos	243	56.1
Idosos conforme o nível de fragilidade	Robustos	73	16.5
	Pré-frágeis	171	38.7
	Frágeis	198	44.8
Idosos conforme a autoavaliação de saúde	Muito ruim ou ruim	21	4.7
	Regular	135	30.6
	Boa ou muito boa	285	64.7
Participação social indicada pela quantidade de AAVD que o idoso realizava	0 a 4	89	20.0
	5 a 8	248	5.0
	9 a 13	103	24.0

Tabela 4. Pontuação nos itens que avaliaram opiniões relativas às condições objetivas do ambiente construído e do ambiente social*. Jaguariúna, SP, 2016-2017.

Bloco 1. Ambiente urbano (M = 1.62)	n	Min.	Max.	Média	D.P.
1.Conservação das calçadas	437	0	3	0.97	0.85
2.Rebaixamento para cadeiras de rodas	428	0	3	1,14	0.83
3.Dispositivos para evitar furtos e roubos	400	0	3	1.23	0.88
4.Banheiros públicos limpos e acessíveis	398	0	3	1.30	0.86
5.Dispositivos para evitar acidentes	400	0	3	1.50	0.90
6.Rampas de acesso nos prédios	418	0	3	1.62	0.89
7.Tempo suficiente para travessia nos semáforos	385	0	3	1.77	0.87
8.Bancos para descanso nas vias da cidade	427	0	3	1.78	0.90
9.Sinalização das direções dentro da cidade	438	0	3	1.79	0,86
10.Iluminação das ruas e praças	429	0	3	1.90	0.84
11.Placas com os nomes ruas e numeração prédios	424	0	3	1.95	0.82
12.Áreas agradáveis para passeios	434	0	3	2.08	0.77

13. Prédios de fácil acesso e dentro bem sinalizados	437	0	3	2.12	0.82
--	-----	---	---	------	------

Bloco 2. Transportes (M = 1.36)

14. Presença de proteção contra roubos e assaltos	349	0	3	0.60	0.80
15. Presença de proteção contra quedas e acidentes	356	0	3	1.11	0.94
16. Respeito aos assentos reservados a idosos e pessoas com deficiência	378	0	3	1.26	0.97
17. Escassez de vagas para estacionar na cidade	383	0	3	1.29	1.00
18. Boa acessibilidade para idosos e pessoas com mobilidade reduzida	368	0	3	1.35	0.96
19. Motoristas educados e observadores das regras	394	0	3	1.44	0.86
20. Motoristas não reclamam gratuidade idosos	376	0	3	1.46	0.99
21. Ônibus com bancos confortáveis	377	0	3	1.56	0.89
22. Boa distribuição dos pontos de ônibus	388	0	3	1.59	0.86
23. Proteção contra sol e chuva pontos de ônibus	380	0	3	1.59	0.93
24. Letreiros e sinais de direção adequados	377	0	3	1.79	0.88

Bloco C. Moradia: casa e vizinhança (M = 2.17)

25. Lojas, bancos e supermercados próximos casa	442	0	3	1.42	1.11
26. Conseguir pagar as contas sem dificuldade	442	0	3	2.03	0.89
27. Tem amigos morando perto de casa	442	0	3	2.12	0.90
28. A casa é confortável e segura	443	0	3	2.30	0.77
29. Movimenta-se sem dificuldade em casa	437	0	3	2.37	0.78
30. Movimenta-se sem dificuldade nos arredores	436	0	3	2.47	0.71
31. Cuida para não se acidentarem em casa	441	0	3	2.50	0.67

Bloco D. Participação social (M = 1.80)					
32. Contato com família e amigos	418	0	3	1.11	0.97
33. Oportunidades participação atividades sociais	434	0	3	1.58	1.14
39. Oportunidades para participar como cidadão.	410	0	3	1.66	0.96
34. Oportunidades participação atividades culturais	417	0	3	1.72	1.00
35. Oportunidades para intergeracionalidade.	437	0	3	1.86	1.08
37. Oportunidades para trabalho remunerado	407	0	3	1.86	1.08
36. Oportunidades para atividades físicas.	432	0	3	2.16	0.89
38. Oportunidades para trabalho voluntário	443	0	3	2.50	0.65
Bloco E. Respeito e inclusão social (M = 1.72)					
40. Acha que os jovens respeitam os idosos.	433	0	3	1.35	0.96
41. Não há exclusão em virtude de pobreza	429	0	3	1.35	1.00
42. Sente que seus direitos são respeitados	440	0	3	2.02	0.86
43. Sente-se valorizado na comunidade	435	0	3	2.18	0.82
Bloco F. Comunicação e informação (M = 1.63)					
44. Acesso a equipamentos comunicação eletrônica	439	0	3	1.19	1.09
45. Obtem informações com facilidade	434	0	3	1.75	0.93
46. Prestadores de serviço são prestativos	438	0	3	1.95	1.79
Bloco G. Oportunidades de aprendizagem (M = 1.73)					
47. Oportunidades para aprender novas habilidades	438	0	3	1.70	0.90
48. Oportunidades de cursos e palestras para idosos	438	0	3	1.76	0.95

Bloco H. Apoio e cuidado (M = 1.81)

57. Ha serviços de apoio a idosos que sofrem abusos e maus tratos.	426	0	3	1.19	0.99
49. Tem quem lhe ofereça conforto emocional quando precisam.	420	0	3	1.20	0.94
50. Família e amigos prontos para ajudar	348	0	3	1.51	0.97
51. Vizinhos amigáveis e prestativos.	421	0	3	1.78	0.94
52. Serviços de saúde atendem bem	389	0	3	1.80	0.97
54. UBS, igrejas e outras instituições oferecem apoio ao autocuidado em saúde.	433	0	3	2.05	0.80
55. Estão disponíveis Centros-Dia e serviços similares a idosos.	438	0	3	2.06	0.90
56. Há boas ILPI disponíveis na cidade.	434	0	3	2.22	0.78

*Consistência interna dos domínios conforme os respectivos α de Cronbach: ambiente urbano, $\alpha = 0.882$; transportes, $\alpha = 0.861$; moradia, $\alpha = 0.745$; participação social, $\alpha = 0.842$, comunicação e informação, $\alpha = 0.595$ (a retirada do item sobre acesso a equipamentos eletrônicos melhorou o α para 0.723); oportunidades de aprendizagem, $\alpha = 0.929$; apoio e cuidado $\alpha = 0.820$. O alfa de Cronbach varia de zero a 1,0 e indica em grau as respostas de cada domínio ou de um instrumento como um todo estão relacionadas entre si. Alfas maiores do que 0.75 são considerados altos.

Tabela 5. Pontuação nos indicadores subjetivos das condições do ambiente*. Jaguariúna, 2016-2017.

	n	Mín	Máx	Média	D.P.
1. Transportes públicos	400	1	5	3.23	1.30
2. Ruas e prédios públicos quanto à orientação, acesso, segurança e conforto	433	1	5	3.24	1,17
3. Os apoios oferecidos aos mais velhos.	440	1	5	3.24	1.28
4. Oportunidades de aprendizagem aos mais velhos	421	1	5	3.42	1.34
5. Qualidade da comunicação	432	1	5	3.50	1.16
6. Respeito aos mais velhos	438	1	5	3.66	1.15
7. Oportunidade de participação social	423	1	5	3.76	1.17
8. A casa e a vizinhança	440	1	5	4.28	0.99

*Consistência interna dos 8 itens conforme o α de Cronbach = 0.855.

Tabela 6. Pontuação nos indicadores da ligação afetiva com a cidade*. Jaguariúna, 2016-2017.

	n	Mín	Máx	Média	D.P.
1. Aqui é um bom lugar para as crianças brincarem e para criar filhos adolescentes	441	0	3	2.43	0.72
2. Minha vizinhança é um bom lugar para viver	440	0	3	2.49	0.66
3. Aqui é o melhor lugar para viver	439	0	3	2.52	0.64
4. Sinto uma forte ligação com Jaguariúna	441	0	3	2.57	0.67
5. Orgulho-me do bairro onde moro	442	0	3	2.58	0.65
6. Minha casa é um lugar muito especial	439	0	3	2.72	0.56

*Consistência interna dos 6 itens conforme o α de Cronbach = 0.854.

Tabela 7. Diferença entre as pontuações observadas na avaliação dos domínios do ambiente, considerando a variável gênero. Jaguariúna, 2016-2017.

	Masculino				Feminino				<i>p</i> *
	n	Média	D.P.	Mediana	n	Média	D.P.	Mediana	
Transportes	123	15.74	6.84	15.00	161	14.04	6.31	15.00	0.023

*Teste de Mann-Whitney

Tabela 8. Diferenças entre as pontuações observadas na avaliação dos domínios do ambiente, considerando a idade. Jaguariúna, 2016-2017.

	60-69 anos				70 – 79 anos				80 anos e +				<i>p</i> *
	n	Média	D.P.	Mediana	n	Média	D.P.	Mediana	n	Média	D.P.	Mediana	
Transportes	154	13.42	6.21	13.00	112	16.29	6.70	16.00	112	16.89	6.74	15.50	<0.001
Participação social	200	14.97	5,31	15.00	123	13.76	5.44	14.00	123	12.38	5.27	13.00	0.037
Respeito e inclusão social	228	6.55	2.62	7.00	149	7.14	2.41	7.00	149	8.00	2.19	8.00	0.002
Avaliação subjetiva	198	28.05	6.51	28.00	130	29.29	7.03	29.00	130	30.75	7.33	32.50	0.029

*Teste Kruskal-Wallis

Tabela 9. Diferenças entre as pontuações observadas na avaliação dos domínios do ambiente, considerando a região de residência. Jaguariúna, 2016-2017

	Bairros no entorno do centro				Bairros no centro				Bairros periféricos				<i>p</i> *
	n	Média	D.P.	Mediana	n	Média	D.P.	Mediana	n	Média	D.P.	Mediana	
Ambiente urbano	120	22.61	7.53	22.00	89	22.24	7.12	21.00	95	18.36	6.07	19.00	<0.001
Transportes	116	15.60	6.96	16.00	75	15.52	6.75	15.00	93	13.14	5.68	13.00	=0.025
Moradia	194	15.95	3.27	16.50	132	16.52	3.33	17.00	103	12.23	3.03	12.00	<0.001
Participação social	149	15.82	5.07	16.00	105	16.21	4.45	16.00	95	10.0	4.36	10.00	<0.001
Respeito e inclusão social	186	7.27	2.51	7.00	123	7.19	2.67	7.00	105	5.87	2.18	6.00	<0.001
Comunicação e informação	187	5.08	2.11	5.00	127	5.61	2.12	6.00	109	3.80	1.38	4.00	<0.001
Oportunidades aprendizagem	183	3.84	1.75	4.00	127	3.91	1.80	4.00	102	2.25	1.49	2.00	<0.001
Apoio e cuidado	117	16.73	4.98	17.00	90	17.61	5.16	18.00	73	12.53	4.24	13.00	<0.001
Ligação afetiva com a cidade	193	16.07	2.44	15.00	132	16.00	2.52	17.00	108	13.20	3.24	12.00	<0.001

*Teste Kruskal-Wallis

Tabela 10. Diferenças entre as pontuações observadas na avaliação dos domínios do ambiente, considerando o número de doenças crônicas. Jaguariúna, 2016-2017.

	Nenhuma				1 ou 2				3 ou +				<i>p</i> *
	n	Média	D.P.	Mediana	n	Média	D.P.	Mediana	n	Média	D.P.	Mediana	
Participação social	51	15.37	5.31	15.00	180	14.98	5.28	15.00	118	12.96	5.36	13.00	0.004
Comunicação e informação	60	4.93	1.92	5.00	217	5.17	2.12	5.00	146	4.51	2.06	4.00	0.018
Apoio e cuidado	39	16.69	4.37	17.00	143	16.59	5.26	16.00	98	14.63	5.38	14.00	0.015
Avaliação subjetiva	53	26.57	6.32	27.00	178	29.56	7.09	31.00	125	28.42	6.39	28.00	0.010

**Teste Kruskal-Wallis

Tabela 11. Diferenças entre as pontuações observadas na avaliação dos domínios do ambiente, considerando a auto-avaliação da condição nutricional. Jaguariúna, 2016-2017

	Bem nutridos				Mal nutridos				<i>p</i> *
	n	Média	D.P.	Mediana	n	Média	D.P.	Mediana	
Avaliação subjetiva	148	27.61	7.29	28.00	200	29.63	6.30	30.00	0.015

*Teste de Mann-Whitney

Tabela 12. Diferenças entre as pontuações observadas na avaliação dos domínios do ambiente, considerando a fragilidade. Jaguariúna, 2016-2017.

	Robustos				Pré-frágeis				Frágeis				<i>p</i> *
	n	Média	D.P.	Mediana	n	Média	D.P.	Mediana	n	Média	D.P.	Mediana	
Moradia	73	16.01	3.21	17.00	167	15.63	15.63	15.00	188	14.60	3.79	14.00	0.005
Participação social	60	16.15	4.33	16.00	133	15.28	15.28	15.00	156	12.87	5.44	12.50	<0.001
Comunicação e informação	69	5.49	2.00	5.00	163	5.12	5.12	5.00	191	4.52	2.07	4.00	0.003
Oportunidades aprender	70	3.50	1.78	4.00	159	3.79	3.79	4.00	182	3.18	1.88	3.00	0.007
Avaliação subjetiva	57	26.75	6.79	26.00	140	29.54	29.54	30.00	159	28.69	6.73	28.00	0.031

*Teste Kruskal-Wallis

Tabela 13. Diferenças entre as pontuações observadas na avaliação dos domínios do ambiente, considerando a auto-avaliação da saúde. Jaguariúna, 2016-2017.

	Saúde muito ruim e ruim				Saúde de nível intermediário				Saúde boa e muito boa				<i>p</i> *
	n	Média	D.P.	Mediana	n	Média	D.P.	Mediana	n	Média	D.P.	Mediana	
Moradia	21	12.19	3.70	11.00	130	14.60	3.71	14.00	276	15.78	3.447	16.00	<0.001
Participação social	14	9.00	5.32	6.50	110	13.35	5.45	13.00	224	15.16	5.11	15.00	<0.001
Comunicação e informação	21	3.81	1.89	4.00	127	4.69	2.21	5.00	274	5.09	2.01	5.00	0.012
Apoio e cuidado	7	9.29	3.35	10.00	85	15.52	5.79	15.00	188	16.35	4.89	16.00	0.002

*Teste Kruskal-Wallis

Tabela 145. Diferenças entre as pontuações observadas na avaliação dos domínios do ambiente, considerando a participação social. Jaguariúna, 2016-2017.

	Baixa participação social				Participação social moderada				Alta participação social				<i>p</i> *
	n	Média	D.P.	Mediana	n	Média	D.P.	Mediana	n	Média	D.P.	Mediana	
Moradia	87	13.54	3.60	14.00	238	15.19	3.59	15.00	104	16.76	3.19	17.00	<0.001
Participação social	62	10.87	5.04	11.00	195	14.16	5.07	14.00	92	17.11	4.83	18.00	<0.001
Comunicação/informação	81	3.67	1.86	3.00	237	4.82	1.93	5.00	105	6.07	2.00	6.00	<0.001
Oportunidades aprender	72	3.10	1.69	3.00	235	3.35	1.85	4.00	105	3.97	1.84	4.00	0.002
Apoio e cuidado	46	13.78	4.35	14.00	169	15.63	5.11	16.00	65	18.18	5.47	18.00	<0.001
Ligação afetiva / cidade	85	14.79	2.96	15.00	243	15.30	2.99	16.00	105	15.87	2.77	17.00	0.023

*Teste Kruskal-Wallis

RELATÓRIO DA PESQUISA EM PROFUNDIDADE

Equipe da Unicamp

Profa. Dra. Anita Liberalesso Neri, coordenadora.

Giovanni Vendramini Alves, Márcia Guimarães ,

Erika Valeska da Costa Alves e Vanessa Paola Rojas Fernandez,

Doutorandos em Gerontologia.

Taiguara Bertelli Costa, Doutor em Gerontologia e coordenador do curso de Educação Física da FAJ
e Marisa Tavares Fernandes, Mestranda em Gerontologia.

Introdução

O planejamento de ambientes amigáveis para os idosos deve assumir como ponto de partida suas opiniões e sugestões, uma vez que eles são os maiores interessados em providências que aumentem a probabilidade de ajustamento entre o ambiente físico e social e suas características de saúde e capacidade funcional¹⁻², sua motivação, seus afetos e sua sociabilidade. Cidades amigáveis aos idosos são aquelas em que as políticas, os serviços, os ambientes e as estruturas sociais apoiam os idosos e permitem que eles envelheçam de forma ativa¹.

As Políticas para o Envelhecimento Ativo (OMS, 2002) fundamentam o programa Cidades Amigas dos Idosos, lançado pela Organização Mundial da Saúde em 2005 e formalizado em 2007²⁻³. A operacionalização do conceito foi feita por meio de pesquisa qualitativa envolvendo 1.485 idosos, 250 cuidadores e 515 outros profissionais residentes em 33 cidades localizadas nos cinco continentes⁴. Reunidos em grupos focais realizados cada uma das cidades, os participantes estabeleceram os oito domínios do conceito de cidade amiga dos idosos: (a) espaço urbano (incluindo parques, jardins, ruas, avenidas e edifícios públicos); (b) transportes; (c) moradia e vizinhança; (d) participação social; (e) respeito e inclusão social; (f) participação cívica e emprego; (g) comunicação e informação, e (h) apoios e cuidado, por meio de serviços comunitários e de saúde²⁻³. Em 2007, a OMS deu a público o protocolo da Rede Global de Cidades Amigas dos Idosos⁵, reiterado em 2015⁶⁻⁷, o qual investe na pesquisa, no monitoramento constante e nos intercâmbios de informação entre as cidades envolvidas na Rede⁸.

Pesquisas qualitativas permitem o aprofundamento em temas sobre os quais se dispõe de conhecimentos superficiais e o levantamento de outros sobre os quais o pesquisador não dispõe de informação. Além do óbvio valor desses produtos, pesquisas qualitativas realizadas no ambiente natural, abertas e sensíveis aos conteúdos trazidos pelos participantes, permitem que o pesquisador explore significados e enriqueça seu conhecimento sobre um dado fenômeno. Os dados obtidos podem subsidiar intervenções ou servir como base para novas pesquisas e instrumentos de base quantitativa ou qualitativa.

Objetivo

Realizar explorações em profundidade sobre as condições dos ambientes físico e social da cidade de Jaguariúna, com o duplo objetivo de complementar as informações

recentemente obtidas em pesquisa de levantamento envolvendo 443 idosos e de colher sugestões sobre como lidar com suas necessidades e expectativas com relação à qualidade dos ambientes construído e social, de modo a torna-los amigáveis ou compatíveis com a melhor adaptação e a melhor qualidade de vida dos idosos.

Métodos

Participantes

Foram 175 adultos e idosos (55 anos e mais) que participaram voluntariamente de grupos que se reuniram-se em horários e locais previamente anunciados, para discutir temas ligados ao projeto Jaguariúna, Cidade Amiga dos Idosos. Os locais foram os seguintes: Centro Dia do Idoso Osmar Carneiro, Centro de Convivência Raízes da Vida, Parque dos Lagos, Parque Serra Dourada, Igreja Dom Bosco e Salão Paroquial da Igreja Matriz. O convite para participação nos grupos foi intermediado por membros da Secretaria da Saúde, da Secretaria de Assistência Social e da Juventude, Esporte e Lazer, do Conselho Municipal do Idoso, do grupo religioso Vida Ascendente e dos responsáveis pelo Centro de Convivência Raízes da Vida.

Os idosos residiam nos seguintes bairros: 12 de Setembro, 7 de Setembro, Ana Helena, Arco-Íris, Botânico, Capotuna, Centro, Chácara Santana, Colina do Castelo, Cruzeiro, Cruzeiro do Sul, Dom Bosco, Floresta, Jardim Alice, Jardim D. Irma, Jardim Elisa, Jardim Europa, Jardim Mauá II, Jardim Nova Vista II, Jardim Sônia, Jardim Zeni, Jardim Imperial, Jardim Sônia, Jardim Zeni, Mario Finotelli, Nassif, Nova Jaguariúna, Nova Jaguariúna II, Nova Jaguariúna III, Parque dos Ipês, Parque Florianópolis, Planalto, Rinaldi II, Roseira, Roseira de Cima, Santa Cruz, Santa Mercedes, Santo Antônio, São Francisco, São Pedro, Sylvio Rinaldi I, Tanquinho Velho, Vargeão.

Coleta e análise de dados

Aos participantes potenciais era mencionada uma sessão de trabalho grupal para a qual se requeria a colaboração dos voluntários para o enriquecimento das informações e o levantamento de sugestões para o Programa Jaguariúna, Cidade Amiga dos Idosos. Cada sessão foi presidida por um coordenador e teve a colaboração de um observador que registrou as informações derivadas do trabalho com o grupo.

No período de 24 de novembro a 6 de dezembro de 2017, os 175 idosos participaram de nove grupos focais com 15 a 20 pessoas cada um. No início da sessão, os participantes eram informados sobre os objetivos e incentivados a colaborar em um

trabalho, cujo valor poderia ser consideravelmente aumentado com a colaboração do grupo, na reunião que se iniciava. Formada por dois professores, quatro doutorandos e uma mestranda do Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Unicamp, a equipe convencionou que os trabalhos com os grupos teriam três fases. Na primeira, de duração breve, seriam oralmente apresentados os resultados da pesquisa quantitativa e seriam evocados comentários gerais a respeito deles. Na segunda, foram propostos os temas (domínios da avaliação dos ambientes físico e social) a serem analisados pelo grupo, com o objetivo de acrescentar descrições e avaliações às que já haviam sido produzidas pela pesquisa de levantamento. Na terceira, foram evocadas sugestões para resolver os problemas relatados pelo grupo. Ao final da sessão, o coordenador apresentava um resumo dos dados obtidos, explicitava o destino que seria dado a eles, agradecia e se despedia.

Além de manifestar-se oralmente, os grupos registraram seus resultados em papel sulfite, cartolina e tecido de algodão, fazendo uso de figuras, canetas, lápis, cola e tesoura. Os observadores anotaram o conteúdo das emissões verbais relevantes aos objetivos e à dinâmica das sessões.

As informações obtidas em cada sessão foram submetidas à análise de conteúdo pelas duplas que presidiram os trabalhos. De posse dos resultados dos nove grupos, uma das duplas organizou os conteúdos por temas, avaliações e sugestões. A apresentação final desses dados foi feita em moldes discursivos.

Resultados

Este relatório estará dividido por temáticas das quais cada uma abordará problemáticas elencadas pelos participantes, que podem ser iguais ou não as que surgiram no levantamento quantitativo do projeto, conjuntamente com as possíveis soluções encontradas pelos idosos.

1. Ambiente Urbano

Calçadas: queixas sobre falta de manutenção ou inexistência do calçamento, grande quantidade de entulho e de árvores que impedem ou dificultam a passagem do pedestre e calçamentos com pisos inapropriados (escorregadios), perigosos e geradores de

acidentes. Na região central, a queixa foi dirigida diretamente aos obstáculos (produtos, placas, mesas e cadeiras) que os comerciantes deixavam em locais indevidos.

Sugestões:

- A situação das calçadas não é apenas responsabilidade do poder público, mas cada cidadão deve realizar a manutenção do trecho de calçada defronte à própria casa.
- Seria útil o poder público instituir normas para as calçadas. Assim, regularia a atuação dos comerciantes e das pessoas de modo geral, evitando problemas com degraus e pisos irregulares e inadequados a ambiente externo.
- Importante criar um canal de comunicação eficaz para que a população pudesse denunciar locais que estão impróprios (p. ex: calçadas inexistentes ou com manutenção precária, terrenos baldios e com mato alto, entulho acumulado em datas e locais inapropriados) e o poder público se incumbiria de fiscalizar esses locais e tomar as devidas providências (p. ex: intimação do proprietário, advertência e multa).
- Antigamente, o governo tinha uma postura paternalista e se responsabilizava por tudo o que devia ser feito no município, mas atualmente não é mais possível ser assim, pois a cidade cresceu. Entretanto, grande parte da população ainda não assimilou essa mudança e ainda confunde direitos e deveres. Sendo assim, é de extrema importância a elaboração de campanhas, palestras e cursos para a conscientização da população de todas as idades sobre os deveres e os direitos dos cidadãos.

Iluminação: em diversos bairros, principalmente na periferia, ou em locais muito arborizados, a iluminação é insuficiente e gera riscos de acidentes pessoais e de assaltos.

Sugestão: melhorar a intensidade da iluminação e a disposição dos postes; fazer manutenção da poda das árvores.

Sugestões adicionais para várias outras questões do ambiente urbano:

- Melhorar a fiscalização das vagas de estacionamento para idosos, multando os que estacionarem indevidamente.
- Estabelecer um tempo máximo de permanência nas vagas, mesmo para os idosos em vagas especiais (Não deveria ser permitido que ocupassem a mesma vaga o dia inteiro, enquanto ficam no trabalho ou jogando baralho na praça).

- Colocar semáforos para travessia em grandes avenidas, pois nem todos os motoristas param na faixa pedestres para travessia dos idosos.
- A população deveria ser orientada sobre como manifestar reclamações e realizar notificações sobre o município.
- Padronizar pontos de coleta de entulho em todos os bairros e divulgar amplamente para a população a data de coleta em cada local.
- Noticiar periodicamente as datas e os locais de coletas de lixo (reciclagem, cata-bagulho, lixo orgânico)
- Criação de um canal onde a população pudesse denunciar a existência de terreno baldios e calçadas irregulares. Caberia a prefeitura notificar / multar proprietários quanto aos seus deveres de limpeza, manutenção de calçadas e terrenos. Também sobre essa temática, deveria haver campanhas de conscientização da população.
- Criação de um canal para denúncia de irregularidades no asfalto.
- As providencias da Prefeitura deveriam ser mais rápidas e eficazes, visto que muitos “remendos” no asfalto (sic) não duram muito tempo.
- Pintar os trechos de guias rebaixadas em toda a cidade, não somente na região central.
- Os banheiros públicos ficam em estado precário devido ao mau uso da população, não por causa da falta de higienização. Sendo assim, deveriam ser realizadas campanhas educacionais dirigidas à população.
- Criação de campanhas de educação ambiental para a população de Jaguariúna.
- Todos os trabalhos de conscientização e todas as campanhas educacionais devem ser dirigidas a todas as faixas etárias.

Segurança patrimonial: onúmero de roubos a residência tem aumentado no município no decorrer dos anos e atualmente isso tem assustado a população, embora seja criticada a falta de informações sobre assalto a residências. Este tema foi tratado na discussão sobre o domínio Comunicação e Informação.

Sugestões:

- Aumentar a circulação periódica de viaturas policiais com o intuito de melhorar a segurança das residências.

- Criação de Conselhos de Bairros, para compartilhamento de informações, comunicação mais frequente e atitudes em prol da comunidade.

Tráfico de drogas: no município em geral, mas principalmente em bairros específicos, o tráfico e o consumo de drogas ilícitas têm forte impacto sobre a qualidade de vida e o senso de segurança dos idosos.

Sugestões:

- Realizar um trabalho mais intenso de combate ao tráfico de drogas.
- Cuidar de acelerar o atendimento da polícia, quando acionada.

2. Comunicação e informação

Segundo os idosos, a Prefeitura alega que os comunicados à população e as informações sobre o município são encontrados no site da prefeitura, porém os idosos reclamaram que nem todos têm acesso ou fazem uso de tecnologias de informação. Outros, que têm acesso, criticaram a navegabilidade do site do município, alegando ter dificuldade para encontrar as informações que procuram.

Sugestões:

- Reformulação da plataforma e da página de entrada da Prefeitura, tornando-as mais amigáveis aos idosos.
- As informações deveriam ser divulgadas também nos locais onde os idosos se encontram fisicamente, atendendo aos que não acessam a internet.
- Deve ser muito melhorado o sistema de informações sobre os eventos que ocorrem no município, por exemplo, por meio da criação e da divulgação de calendários mensais contendo todos os eventos que ocorrerão no município, tanto os de caráter público quanto privado. Esses calendários deveriam ser fixados nos parques, em unidades básicas de saúde, nas igrejas. Deveriam ser periodicamente publicados no jornal da cidade.
- Outras informações importantes para a população deveriam merecer o mesmo tratamento (p.ex: datas da “operação cata bagulho” em cada bairro da cidade).

- Os funcionários públicos deveriam ser melhor informados, treinados e atenciosos para passar informações corretas à população, pelo menos aquelas relacionadas a sua função.
- Foram ventiladas muitas críticas à qualidade do atendimento prestado pelos funcionários municipais, com destaque para os que atuam dentro da prefeitura e para os profissionais da área da saúde.
- Divulgar mais amplamente a existência e o trabalho do Conselho Municipal do Idoso, visto que muitos não sabem qual é sua função.
- Os idosos que já conheciam o trabalho dos conselhos municipais, com destaque para o do idoso e o da saúde, sugeriram que deveriam haver encontros do Conselho Municipal do Idoso e do Conselho Municipal de Saúde em bairros mais afastados do centro, pois nem todos os idosos têm facilidade para se locomover.
- As datas desses encontros devem ser bem divulgadas.
- Os idosos comentaram que embora exista um canal de comunicação dos civis com os órgãos competentes, para realização de reclamações e sugestões, o telefone 156 não resolve nenhum problema. Geralmente os atendentes pedem para os idosos irem até a prefeitura para realizar a reclamação, o que significa perda de utilidade e ineficácia, ainda segundo os participantes.

3. Comunicação e informação

Queixas e sugestões:

- O ponto mais importante surgido nos grupos que abordaram esta temática foi a necessidade de desenvolver cursos ou palestras sobre cidadania, para as pessoas aprenderem a ser mais humanas e respeitadas e a terem conhecimento dos seus deveres e direitos. Os participantes sugeriram que esses cursos e palestras poderiam ser desenvolvidos pelos conselhos municipais e oferecidos nas unidades básicas de saúde, mediante ampla divulgação.
- Foram feitos elogios ao município por oferecer boas oportunidades de aprendizagem, porém a crítica foi que essas opções são ofertadas em locais específicos e em consequência para populações específicas, como é o caso dos

idosos que participam do Centro de Convivência Raízes da Vida ou dos grupos relacionados a entidades religiosas. Foi sugerido descentralizar e oferecer oportunidades nos bairros periféricos, visto que a maioria das oportunidades se localizam na região próxima ao centro da cidade.

4. Transportes

Ônibus urbanos:

- Os ônibus não apresentam segurança e nem mecanismos de proteção contra roubos e furtos.
- É alto o custo da passagem em relação à baixa qualidade do serviço.
- Não há muitos assentos disponíveis.
- As pessoas não costumam respeitar os lugares reservados para a população idosa.
- Há dificuldade para obter informações sobre os horários dos ônibus.
- Os pisos dos ônibus não são rebaixados, o que dificulta a entrada e a saída.
- Há grande dificuldade de realizar reclamações à empresa, por não existir um canal de comunicação eficiente (reclamações via telefone não são acatadas).
- Alguns bairros mais periféricos (p.ex: Jardim Europa, Colmeia) não apresentam pontos de ônibus com estrutura completa de bancos e cobertura: a Prefeitura deveria manter o mesmo padrão para todos os bairros.
- Os ônibus para Campinas ficam muito lotados nos horários de pico e, com isso, os idosos que têm consulta na Unicamp pela manhã sentem-se prejudicados.
- Também nos ônibus circulares do trajeto Jaguariúna-Campinas, os idosos são obrigados a entrar pela porta da frente e descerem pela porta de trás do veículo, necessitando passar pela roleta: é necessário rever esse regulamento, visto que muitos idosos têm dificuldade de andar dentro dos ônibus. Uma possível solução seria eles entrarem pela porta de trás ou não ser necessário passarem pela roleta.
- Os ônibus para a zona rural são os mais precários, necessitando de manutenção.
- Quanto mais afastado o bairro, pior a oferta de ônibus. Nos bairros São Pedro e Colina do Castelo não há ônibus e ninguém na empresa sabe informar a

respeito.No Jardim Imperial os horários são escassos, principalmente aos finais de semana.

- Nos finais de semana os idosos têm muita dificuldade para usar o transporte público, devido a oferta restrita.
- Com todas as restrições apresentadas por eles sobre a qualidade do serviço de transporte público concluíram que o sentimento dos idosos é que “tiraram nosso direito de ir e vir”.

Sugestões:

- Mais policiamento nas ruas e melhor fiscalização da prefeitura sobre as reclamações dos idosos.
- Melhor manutenção dos ônibus.
- Câmeras dentro dos ônibus para fiscalizar o serviço dos motoristas e servir de proteção contra roubos e assaltos.
- Aumentar o número de ônibus circulando no município (aumento da frota).
- Melhorar a oferta de ônibus e horários visto que alguns bairros os horários são muito espaçados
- Ter mais de uma empresa de ônibus em Jaguariúna, assim aumentaria a concorrência e obrigaria os concessionários a ofertar um serviço de melhor qualidade, com mais ônibus circulando.
- Ofertar peruas regulamentadas pela prefeitura como alternativas nos finais de semana, ou entre os horários dos ônibus mais demorados.
- Melhorar a disposição das barras de segurança para evitar quedas dentro do ônibus.
- Melhorar a informação sobre os horários dos ônibus (uma alternativa seria a instalação de painéis eletrônicos que informam os horários dos ônibus, como ocorre em outros municípios).
- Criar uma campanha de conscientização para a população sobre a importância de se respeitarem os assentos reservados para os idosos.
- A empresa de ônibus deveria ter um canal para comunicação com os usuários.
- Deveria ser realizado um trabalho de conscientização da população para a não depredação dos pontos de ônibus (começar desde o jovem).
- Os ônibus deveriam sempre parar no local adequado, para evitar acidentes.

- Melhorar a sinalização dos pontos de ônibus.

Estação rodoviária:

- A limpeza do local não é eficaz, provocando mau-cheiro e aspecto desagradável (Foi sugerida limpeza regular “com água e sabão”, conforme relato dos moradores).
- Na bilheteria, não é possível realizar a compra de passagens com cartão de crédito (deveria haver essa modernização).
- A pouca oferta de lanchonetes não permite comodidade aos passageiros, principalmente idosos que chegam com maior antecedência para o embarque.
- O quesito falta de segurança pública no local foi consenso (os idosos pedem seguranças dia e noite, uma vez que ocorrem pequenos furtos e assaltos, além de haver presença de pedintes e usuários de droga que os fazem sentir-se ameaçados).

Ônibus interurbanos:

- Os ônibus percorrem boa parte da cidade antes de chegar em Campinas (foi sugerido um ônibus direto que fizesse o percurso Rodoviária Jaguariúna-Rodoviária Campinas).
- Alguns ônibus que vêm de outras cidades não entram no município de Jaguariúna e os passageiros devem descer na estrada, que não tem uma parada sinalizada, o que significa risco de acidentes (recomendaram que Jaguariúna tenha um ponto sinalizado para ônibus que vêm de outras cidades e que seja o mais próximo possível da entrada da cidade).

Motoristas de ônibus

- Os motoristas dos ônibus são majoritariamente mal-educados.
- Mudam o itinerário dos ônibus por conta própria.
- Não respeitam os motoristas de automóveis.
- Não esperam os idosos se sentarem para colocar o ônibus em movimento.
- Não se preocupam com o bem-estar dos passageiros, principalmente dos idosos.
- Alguns não param nos pontos de ônibus para pegar os idosos.
- Dirigem em alta velocidade.

Sugestões:

- A empresa de viação deveria fazer um trabalho de conscientização dos motoristas e treinamento com dinâmicas de inversão de papéis, para que eles pudessem se colocar no lugar dos idosos.
- Deveria haver fiscalização para ver se os motoristas cumprem com suas obrigações corretamente.
- Deveria haver um canal de reclamações efetivo. Caso algum funcionário seja denunciado, deve sofrer algum tipo de punição ou passar por avaliação e treinamento. Segundo os idosos, isso não ocorre.

Tráfego de carros:

- As lombadas não são sinalizadas com a devida antecedência, para que os idosos possam frear com tranquilidade.
- As placas de trânsito estão velhas, precisando de pintura ou serem trocadas.
- Deve haver maior qualidade na sinalização, uma vez que muitos idosos continuam a dirigir.
- A quantidade de semáforos é insuficiente, mas o número de rotatórias é excessivo. Só um engenheiro de tráfego poderia fazer uma avaliação mais apurada e apontam algumas rotatórias mais problemáticas: saída para Amparo; UPA; Subestação e Galeria/Drogasil.

5. Apoio e cuidado

Queixas e sugestões:

- Foram feitos muitos elogios ao município. Conforme surgiam críticas e reclamações o próprio grupo debatia e concluía que parte dos problemas, como falta de medicamentos, não é exclusiva à Jaguariúna.
- Inexistência ou escassez de geriatras no Sistema Único de Saúde de Jaguariúna. Os idosos acreditam que deve ocorrer contratação desses profissionais para que a população idosa possa ser melhor assistida.
- Não há fila preferencial para agendamento e retirada de exames pelos idosos, no hospital municipal.

- Com o encerramento dos contratos com os médicos cubanos e a não contratação de substitutos, o atendimento em saúde precarizou-se (há filas, limite de consultas a uma ao mês e sobrecarga dos atendentes e enfermeiros).
- Desde o início da atual gestão vem ocorrendo restrição de entrega de medicamentos nas UBS.
- Criação programas disk-entrega em farmácias e super-mercados gratuitos ou de baixo custo, para idosos.
- Os idosos mostraram-se preocupados com o próprio futuro, dizendo ser necessária a criação de instituições de longa permanência para idosos, assim como opções de moradias assistidas, de caráter público ou filantrópico.
- Criação de serviços de acompanhamento da qualidade dos ambientes das casas de repouso e de outros locais utilizados por idosos, em termos de conforto, segurança, oportunidades para conviver e aprender e convivência.
- Criação de novos centros-dia e centros de convivência localizados nos bairros.
- Criação de cursos de treinamento para acompanhantes e cuidadores informais (não-familiares) para idosos.
- Criação de programas de informação sobre prevenção de demências em idosos.
- Criação de programas de treino de habilidades para cuidar de idosos doentes e com dependências (Exs Como dar banho, ajudar a andar e conversar com eles). Para familiares.
- Criação de grupos de apoio emocional a pessoas que cuidam de parentes idosos.
- Criação de programas de transporte de idosos para locais onde receberão cuidados de urgência ou para consultas médicas.

6. Participação social

Queixas e sugestões:

- Os idosos destacaram a necessidade de mais atividades intergeracionais, por exemplo atividades em que os idosos possam ensinar brincadeiras típicas de sua época a crianças em idade escolar, enquanto as crianças poderiam ensiná-los a usar smartphones e computadores. Alguns idosos levantaram a possibilidade de

incluir as atividades intergeracionais no currículo escolar, fato que poderia diminuir o preconceito dos jovens para com os mais velhos.

- Idosos que ainda trabalham queixaram-se de não poderem desfrutar de atividades oferecidas pelo município, principalmente as atividades físicas, pois não há opções após as 17 horas. A solução seria ofertar algumas modalidades também nesse horário, o que beneficiaria idosos que trabalham, como também ao público das demais faixas etárias.
- A Prefeitura poderia auxiliar os idosos a organizar mais viagens e excursões.
- Todos os eventos culturais deveriam cumprir a lei de meia entrada para idosos (citaram o exemplo de um show que ocorreu na cidade, em que a meia entrada existia somente na opção “pista” e em pé, o que inviabilizou a participação de muitos idosos).
- As piscinas onde os idosos têm aula deveriam ser aquecidas.
- Não deveria haver limite de participação nas atividades oferecidas pela Prefeitura, pelo mesmo nas que têm vagas ociosas.
- Dever-se ia distribuir melhor as atividades existentes pela cidade, atendendo a mais bairros.
- Dever-se-ia colocar coberturas nas academias da 3ª idade, cujos aparelhos ficam expostos ao sol nos parques, dificultando o uso.
- Sobre os aparelhos, também foi pedido que houvessem instruções para o manuseio.
- Criação de cinemas, exibição de filmes no teatro e sessões de cinema ao ar livre (à noite).
- Otimização dos horários das salas de jogos e de outras atividades, pois muitas das atividades ofertadas ocorrem ao mesmo tempo.

7. Moradia: casa e vizinhança

Queixas e sugestões:

- Quanto à adaptação das residências da população idosa, deveria haver algum serviço, ou uma equipe de profissionais que visitassem as casa dos idosos e fornecessem sugestões de adaptação, tais como a não utilização de tapetes, a

instalação de barras, a adaptação do vaso sanitário, dentre outras alterações necessárias.

- Deveria ser instaurada uma norma de construção para que os novos apartamentos que forem construídos em Jaguariúna tivessem uma metragem mínima, que permitisse a adaptação para um ambiente seguro para a população idosa.
- Foram feitas fortes críticas à exigência de os idosos se deslocarem para as agências bancárias localizadas no centro da cidade, para receber a aposentadoria. A sugestão é que sejam instalados caixas eletrônicos nos bairros.
- Outro ponto negativo é que, principalmente nos bairros periféricos (p.ex: o Roseira de Cima), não existem farmácias, ocasionando riscos a pessoas em situações de emergência.

8. Respeito e Inclusão Social

Queixas e sugestões

- Não há respeito suficiente para garantir cessão de assentos, vagas de estacionamento, lugar nas faixas de pedestre para atravessar a rua, lugares nas filas de supermercados a idosos. Muito deveria ser ensinado em casa, mas a Prefeitura deveria trabalhar o tema do respeito aos idosos nas escolas, incluindo a família, a criança e profissionais do serviço social.
- É necessário trabalhar o respeito ao idoso pelos próprios idosos, assim como a sua autoestima, para que possam lutar por seus direitos e usufruir os já conquistados.
- Os idosos devem ser orientados e ensinados a defender os seus direitos de forma afirmativa e educada.
- Sobre a exclusão em virtude da pobreza, os idosos reconhecem que há empecilhos, mas que muitos não usufruem das oportunidades já ofertadas. Segundo os idosos, “É preciso incentivar que os idosos ocupem os espaços da cidade”.
- O incentivo aos laços afetivos entre os moradores foi relatado como sendo um passo importante para os idosos saírem de casa e participarem mais.

- Foi elogiado o número de atividades físicas ofertadas. No entanto, idosos sugeriram que além da atividade física haja também grupos de interação, com dinâmicas, jogos, encontros, culinária e passeios para idosos.

Conclusões

A busca de informações adicionais sobre o ambiente da cidade e, principalmente, de sugestões sobre como enfrentar os problemas, foram os objetivos deste estudo. Estimulados pelos coordenadores dos grupos, que tinham prévio conhecimento dos resultados da pesquisa quantitativa, os idosos ofereceram avaliações e sugestões valiosas, que excederam os limites alcançados pela pesquisa de levantamento.

Um subproduto importante e desejado pelo protocolo das cidades amigas dos idosos terá sido a promoção do envolvimento dos idosos em um processo que, se levado a bom termo, deverá produzir benefícios à sua qualidade de vida e à sua adaptação e às pessoas de todas as idades que vivem em Jaguariúna. Com isso, foi cumprido um objetivo pedagógico de alto valor.

Os dados obtidos ajudarão a construção de instrumentos e parâmetros para futuras pesquisas, uma contribuição importante para a Gerontologia Ambiental no Brasil e para o movimento mundial de Cidades Amigas dos Idosos.

Referências

- ¹Menec, V.; Means, R.; Keating, N.; Parkhurst, G. & Eales, J. (2011). Conceptualizing Age-Friendly Communities. *Canadian Journal on Aging* 30 (3): 479– 493.
- ² Organização Mundial de Saúde (2007a). *Global Age-friendly Cities: A Guide*. Genebra: Organização Mundial de Saúde.
- ³ Organização Mundial de Saúde (2007b). *WHO Age-friendly Cities Project Methodology: Vancouver Protocol*. Genebra: Organização Mundial de Saúde.
- ⁴Emlet, C.A. & Mocerri, J.T. (2012). The importance of social connectedness in building age-friendly communities. *Journal of Aging Research*. Volume 2012, Article ID 173247.
- ⁵Organização Mundial de Saúde (2010). *WHO Global Network of Age-friendly Cities and Communities*. Disponível em www.who.int/ageing/projects/age_friendly_cities_network/en/. Acessado em 30 de setembro de 2016.

⁶Organização Mundial de Saúde (2015). *Measuring the Age-Friendliness of Cities: A Guide to Using Core Indicators*, Genebra: Organização Mundial de Saúde. Acessado em 30 de setembro de 2016.

⁷Organização Mundial de Saúde (s/d). *Application to join the WHO Global Network of Age friendly Cities and Communities*. Disponível em: http://www.who.int/ageing/application_form/en/. Acessado em 30 de setembro de 2016

⁸Plouffe, L. & Kalache, A. (2010). Towards Global Age-Friendly Cities: Determining urban features that promote active aging. *Journal of Urban Health: Bulletin of the New York Academy of Medicine*, Vol. 87, No. 5.